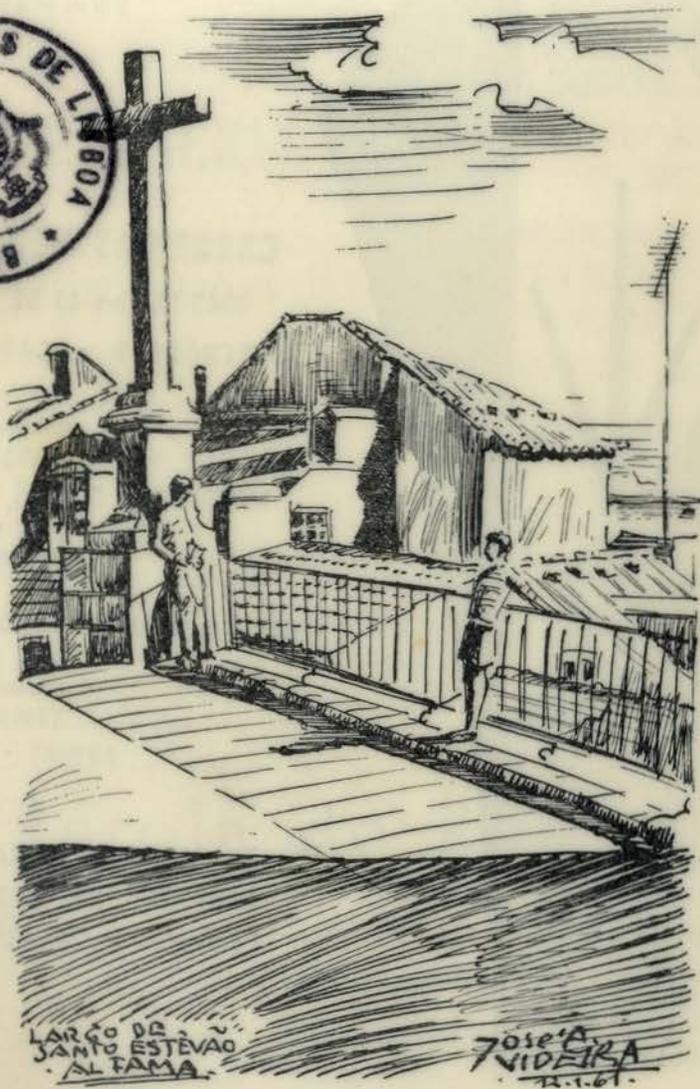


OLISIPO

Boletim Trimestral

Grupo Amigos de Lisboa



ANO XXV—N.º 99

JULHO 1962



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING — TRANSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**

**LISBOA • R. DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 3263145 • 345136 • TELEG. GERAL
PORTO • R. SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. GERAL PORTO**

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGÊNCIA DE VIAGENS

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÃO,
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as POUSADAS oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português não pode em verdade ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável e merece que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das POUSADAS, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM - MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA - MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia, a 14 kms. ao norte de Manteigas e a 1.500 m. de altitude.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de S. Bartolomeu

BRAGANÇA

Situação: Em Bragança, na estrada de turismo que circunda o cabeço de S. Bartolomeu; a 30 kms. de Quintanilha (Fronteira Espanhola).

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaça — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO - AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 900 m de altitude (Encerrada para obras).

Pousada do Infante

SAGRES

Situação: Sagres, na Ponta da Atalaia; a 32 kms. de Lagos e a 50 kms. de Portimão.

Oferta
27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXV

JULHO DE 1962

NÚMERO 99

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
PRIMEIRO COMANDANTE DA POLÍCIA DE LISBOA NO TEMPO DA MONARQUIA pelo <i>Dr. J. T. Montalvão Machado</i>	69
UM EMPRAZAMENTO EM 1445 por <i>M. Carvalho Moniz</i>	82
O «NUNES DA LANCHÁ», LISBOETA, PIONEIRO DA OCUPAÇÃO DE ANGOLA pelo <i>Coronel José Ribeiro da Costa Júnior</i>	85
EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE AFONSO LOPES VIEIRA — Relato resumido do seu encerramento e das palavras proferidas pelo expositor, <i>Eng. Júlio Eduardo dos Santos</i> , e pelo Secretário-Geral, <i>Doutor Eduardo Neves</i>	99
ACTIVIDADE CULTURAL... ..	110
FEIRA DA LADRA	117
OFERTAS	119
SÓCIOS ADMITIDOS DESDE JANEIRO DE 1962... ..	122
CAPA: Largo de Santo Estêvão — Alfama — Desenho de <i>José A. Videira</i> .	
VINHETAS de <i>Figueiredo Sobral</i> .	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

1875
1875

OFFICIAL

WOLFEVILLE

WOLFEVILLE

WOLFEVILLE

SUBJECT



WOLFEVILLE

O ÚLTIMO COMANDANTE DA POLÍCIA DE LISBOA NO TEMPO DA MONARQUIA

pele DR. J. T. MONTALVÃO MACHADO

O General José António de Morais Sarmiento era natural da Torre de D. Chama, concelho de Mirandela, e nasceu a 25 de Março de 1848. Filho de João José de Morais Sarmiento e de D. Gracinda da Veiga de Sá e Castro, era aparentado com as mais ilustres famílias da Província de Trás-os-Montes.

O primeiro Sarmiento de que se fala na História de Portugal é Pero Rodrigues Sarmiento, *adiantado da Galiza*, o qual, no tempo das lutas entre D. Fernando I de Portugal e Henrique II de Castela, transpôs o Rio Minho e avançou vitorioso até próximo de Barcelos, onde, junto ao Castelo de Faria, se deu a notável cena de lealdade, cometida pelo respectivo alcaide, Nuno Gonçalves, que tão merecidas e emocionantes narrativas tem merecido.

Quase dois séculos mais tarde, é D. Luís de Sarmiento Mendoza nomeado Embaixador de Carlos V, Rei de Espanha e Imperador da Alemanha, junto da Corte de D. João III de Portugal. Nesta qualidade, prestou D. Luís Sarmiento um grande serviço ao seu País e um mau serviço a Portugal: tomou parte activa nas combinações diplomáticas de que resultaram os casamentos dos infantes portugueses, filhos de D. João III, D. Maria e D. João, com os infantes espanhóis D. Filipe e D. Joana, filhos de Carlos V. Como se sabe, foi destas sucessivas uniões entre duas casas reinantes que resultou a perda da nossa independência em 1580.

Este Embaixador faleceu em Lisboa em 1556, mas logo em 1578, D. Garcia Sarmiento nos aparece como comandante dum dos terços castelhanos, que acompanharam D. Sebastião no desastre de Alcácer Quibir.

É a partir desta época que os Sarmientos começam a implantar-se em Portugal, proliferando-se em numerosas famílias *Sarmientos*, que se espalharam até hoje por quase todo o País e sobretudo por quase todos os concelhos da Província de Trás-os-Montes.

Enumeremos rapidamente alguns desses Sarmientos que mais se celebrizaram na nossa História, nem sempre por boas acções: *André de Morais Sarmiento*, foi corregedor em Évora, e, como lhe corresse ainda nas veias muito sangue espanhol, foi agente de Olivares e combateu a Revolução do Manuelinho, em 1637; o *Padre José Sarmiento* nasceu em Podence (Macedo de Cavaleiros), em 1683, tendo sido um notável pregador e pedagogo, na vila de Portimão; *Francisco José Sarmiento* nasceu em Vimioso, em 1700, foi Sargento-mor do Regimento de Dragões de Chaves e mais tarde General Governador de Trás-os-Montes, defendendo vigorosamente esta Província, em 1762, durante a invasão dos espanhóis; *Jacob de Castro Sarmiento* foi um médico notável, que nasceu em Bragança, em 1762, homiziou-se voluntariamente na Inglaterra por ser judeu, foi professor de Medicina na Escócia, regressou a Portugal, foi médico do Rei D. José e amigo do Marquês de Pombal e publicou numerosos trabalhos de Medicina, tendo-se depois convertido ao Cristianismo por casar com uma senhora cristã; outro *André de Morais Sarmiento* foi Cónego em Lisboa, mas elemento de grande preponderância na Loja Virtude, da Maçonaria, preso e deportado em 1810, vindo mais tarde a ser Capelão do Regimento de Cavalaria n.º 1; o *Capitão José Pinto de Morais Sarmiento* foi o denunciante da patriótica conspiração de 1817, o que levou à forca o General Gomes Freire de Andrade e outros; *Clemente Pinto de Morais Sarmiento* era sargento de Caçadores 10 e foi executado por tomar parte na Revolução Liberal de 1828; *Cristovam Pedro de Morais Sarmiento* nasceu na Baía, em 1788, foi Embaixador em Londres e por seus relevantes serviços elevado às categorias de Barão e Visconde da Torre de Moncorvo; *Inácio Pizarro de Morais Sarmiento* nasceu em Bóbeda (Chaves) em 1807, foi um notável escritor, autor do «Romanceiro», e, como era

anticabralista, apoiou a Revolução da Maria da Fonte; o *General José Estevam de Moraes Sarmento* nasceu em Lisboa em 1843 e foi um notável escritor de assuntos históricos e militares; o *Dr. António Luís de Moraes Sarmento*, natural do concelho de Chaves, foi professor de Medicina e reitor da Universidade de Coimbra, em tempos recentes.

Posto este introito acerca dos Sarmentos, regressemos ao General José António de Moraes Sarmento, para dizermos que nada apurá-



José António de Moraes Sarmento
Comandante da Polícia de Lisboa, de 1893 até 1910

mos quanto à instrução adquirida na juventude. É provável que ele tenha feito os seus estudos em Bragança, cidade que já conquistara foros pedagógicos, onde tinha parentes, e não ficava longe da sua terra natal, Torre de D. Chama.

De positivo, averiguámos que, tendo 18 anos de idade, sentou praça em 21 de Agosto de 1866, no Regimento de Cavalaria 6, em Chaves, de onde imediatamente se ausentou, por ter requerido licença para estudos.

Tinha ido para Lisboa frequentar a Escola de Guerra, ou Academia Militar, como hoje se lhe chama. E por isso, existe esta informação, dada em 1867: «De este 1.º sargento aspirante nada posso informar porque nunca fez erveço no Corpo, desde que o comando, por estar nos estudos. O comandante de Cavalaria n.º 6, Francisco de Sousa Canavarro, Coronel».

Acabado o curso da Arma de Cavalaria, José António de Moraes Sarmento foi promovido a alferes em 14 de Janeiro de 1869 e colocado no mesmo Regimento de Cavalaria, iniciando com brilho a sua carreira de oficial, por quanto encontrámos, no Arquivo Histórico Militar, esta informação, dada no mesmo ano de 1869: «Este alferes graduado tem bastante inteligência e com a continuação da escola prática deve vir a ser um bom oficial. O Comandante de Cavalaria 6, João Chaves, Coronel».

No ano seguinte, a 26 de Maio, casou com uma senhora de Chaves, «de família decente», dizem os documentos, chamada D. Ana da Piedade dos Reis Teixeira, de vastos haveres nos concelhos de Chaves e Valpaços e deste matrimónio foram nascendo Maria, João, José, Ana e Francisco, respectivamente em 1871, 72, 73, 74 e 87.

Como oficial subalterno, fez quase sempre serviço em Cavalaria 6, de Chaves, embora transitòriamente também tenha prestado serviço nos Regimentos da mesma arma n.ºs 1, 3 e 4. Foi promovido a tenente e a capitão respectivamente em 18 de Agosto de 1875 e em 7 de Novembro de 1883.

Era um oficial distinto e cumpridor, como se vê desta informação, prestada em 1871: «Tem o curso da arma, é muito hábil, satisfaz aos seus deveres com zelo, desempenhando cabalmente. O Comandante (assinatura ilegível)».

Idênticas informações anuais vão dando os sucessivos Comandantes de Cavalaria 6: João de Lemos, Diogo Mário de Guerreiro Leite, Luciano Augusto de Sousa Doutel, Inácio Maria Casmanso, Manuel Dias Breda, Jorge de Sousa Bernardes, José Vergotin e Zeferrino Roberto Vieira.

Em 1888, o Capitão J. A. de Moraes Sarmento passou ao serviço da Guarda Fiscal, sendo colocado na cidade do Porto, onde três anos mais tarde estalaria o «31 de Janeiro», primeira tentativa revolucionária para deposição da Monarquia. Conquanto algumas Companhias

da mesma Guarda Fiscal aderissem à Revolta e ocupassem até a vanguarda na coluna revoltosa, que se bateu na Rua de Santo António, o Capitão Morais Sarmiento segurou a sua Companhia e tomou parte na resistência.

Esta acção do Capitão Sarmiento no 31 de Janeiro valeu-lhe um louvor especial do seu Comandante José Maria Pereira Viana. Foi desde então considerado como um dos oficiais mais dedicados ao Trono, dizendo-se também que foi por iniciativa do próprio Rei D. Carlos que ele foi mais tarde nomeado Comandante da Polícia de Lisboa.

Promovido a major em 3 de Abril de 1893, regressa ao seu antigo Regimento de Cavalaria 6, mas pouco tempo ali permanece, porque ainda no mesmo ano é nomeado Comandante da Polícia Civil de Lisboa.

Como e porquê seria este major, que quase sempre fizera serviço em remotas terras de província, convidado a exercer um cargo tão difícil, tão espinhoso e de tão alta responsabilidade, na capital do Reino?

Alarguemos um tanto a nossa atenção. Após o ultimato de 1890 e a Revolução Republicana de 1891, o País foi sacudido por uma onda de descontentamento e de revolta, que comprometia e agravava a ordem pública, sobretudo nas cidades de Lisboa e Porto. O Governo sentiu naturalmente que a Polícia Civil de Lisboa não estava à altura de reprimir conspiratas e motins e muito provavelmente a primeira pessoa a compreendê-lo seria o seu Director ou Comissário Geral, Dr. Cristóvão Pedro de Morais Sarmiento, filho do outro Cristóvão Pedro de Morais Sarmiento, Visconde da Torre de Moncorvo, de quem já acima falámos.

Seria este Dr. Cristóvão Pedro, Comissário Geral da Polícia desde 1876, que, conhecedor das qualidades de seu parente, o major José António de Morais Sarmiento, o tivesse inculcado para Comandante da mesma Polícia?

Nós não o sabemos e também é possível que ninguém hoje o possa confirmar ou infirmar. Vão decorridos perto de 70 anos e não conhecemos qualquer carta ou documento que prove ou destrua a hipótese que aventámos.

Não devemos passar à frente sem dizer que o Dr. Cristóvão Pedro de Morais Sarmiento exerceu o Comissariado Geral da Polícia

com grande aprumo moral, mas, reorganizando-se a Polícia e entregando-se o seu Comando a um oficial superior, passou o mesmo Dr. Cristóvão Pedro a Inspector da Polícia Administrativa, cargo que exerceu até 1905.

Em 30 de Agosto de 1893, assumia o Major José António de Moraes Sarmiento o Comando da Polícia de Lisboa e começava a fase mais notória da sua vida e na qual adquiriria o maior prestígio.

Transcrevemos a sua primeira Ordem de Serviço, extraída dum artigo do Sr. Albino Lapa, publicado no n.º 28 da revista «Polícia Portuguesa», de Dezembro de 1941: «Assumindo hoje o honroso cargo de Comandante do Corpo de Polícia de Segurança Pública da nobre cidade de Lisboa, segundo o Decreto de 18 de Agosto do corrente ano, desde já peço aos meus subordinados a sua coadjuvação para esta missão tão espinhosa a fim de empregarem todo o seu zelo, actividade e inteligência no cumprimento do serviço policial.

«E bem assim lhes faço ciente que terei muito mais satisfação em os elogiar pelo seu bom comportamento no desempenho do serviço do que em lhes aplicar castigos por faltas cometidas no mesmo.

«Lembro mais aos meus subordinados que me considerem como seu primeiro amigo e tenham a convicção que sempre estarei pronto para lhes fazer inteira justiça, assim como protegê-los em tudo aquilo que não vá de encontro aos regulamentos deste corpo ou que possa prejudicar o bom andamento do serviço policial».

Esta Ordem de Serviço traduz o militar disciplinador, o homem bom e o transmontano leal.

Por tal forma se houve no Comando da Polícia que, sucedendo-se Ministérios progressistas, regeneradores, franquista e de concentração, todos os Ministros lhe reiteraram a sua confiança, durante 17 anos, tais eram as suas invulgares qualidades de inteligência, disciplina e lealdade à causa da ordem e à causa das Instituições.

Teve ele dois grandes auxiliares, cujos nomes não podemos omitir: o Capitão Dias e o Juiz Veiga, de quem devemos dizer algumas palavras.

O Capitão João Dias da Silva, 2.º Comandante, era o terror dos desordeiros e criminosos, não hesitando em entrar, muitas vezes desacompanhado, nas tabernas e alfurjas da Mouraria e Alfama, para prender os ladrões e homicidas. Já tinha sido promovido a Coronel e ainda era conhecido entre o público pelo «célebre Capitão Dias».

O Dr. Francisco Maria da Veiga, magistrado de carreira, foi nomeado Juiz da Instrução Criminal. Tendo vivido sempre fora da política, só lhe interessava a defesa da ordem e do regime, sendo o terror dos conspiradores políticos, que desenvolveram contra ele, na imprensa, uma feroz campanha. Caricaturavam-no fardado de polícia,



Pelourinho da Torre de D. Chama, terra natal do biografado

feroz e façanhudo, mas ele não se importava, porque era um homem probo e sereno, como mais tarde havia de reconhecer António José de Almeida, nas suas «Memórias». Saiu da Instrução Criminal em 1907, ao que parece incompatibilizado com o chefe do Governo, Conselheiro João Franco.

Entretanto, o Major José António de Morais Sarmiento, Comandante da Polícia, tinha sido promovido a Tenente-coronel em 28 de Fevereiro de 1895 e a Coronel em 29 de Dezembro de 1898. Sempre atento aos serviços da sua corporação, ele era a garantia da ordem em ocasiões movimentadas, como foram as das visitas a Lisboa, em épocas sucessivas, de Eduardo VII, Rei da Inglaterra, de Guilherme II, Imperador da Alemanha, de Loubet, Presidente da República Francesa e de Afonso XIII, Rei de Espanha.

Arquivem-se estas duas informações: «É oficial ilustrado, de zelo inexcedível no desempenho das suas funções e no melhoramento dos serviços a seu cargo, disciplinador como poucos e de absoluta confiança e exemplar lealdade e merecedor de promoção ao posto imediato. Governo Civil de Lisboa, 30 de Dezembro de 1909. Servindo de Governador Civil (assinatura ilegível)».

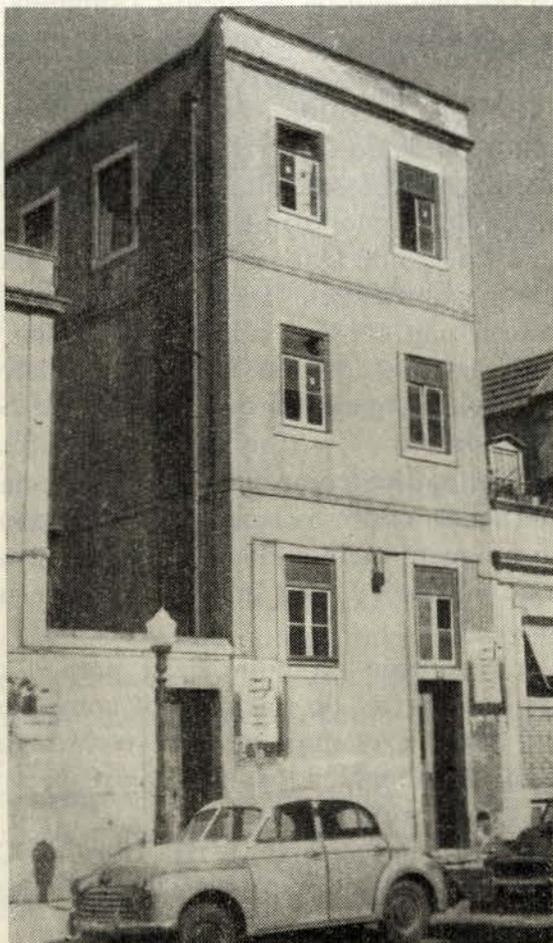
Outra: «É oficial brioso e enérgico e desempenha com muita lealdade e competência o cargo de Comandante da Polícia Civil em que tem prestado os melhores serviços. João de Azevedo Coutinho, Governador Civil do Distrito de Lisboa».

Tomara grande incremento, nos últimos anos, a oposição republicana que, na imprensa, no Parlamento, nos comícios e na praça pública, desenvolvia feroz campanha contra o Rei e a Monarquia. Considerada apenas a imprensa de Lisboa, nada menos de quatro jornais diários, «O Mundo», «O País», «A Luta» e «A Vanguarda», assestavam as suas baterias contra o Governo, sem contar com os ferozes ataques dos monárquicos, que estavam fora do Ministério. Os comícios, as arruaças, as conspirações sucediam-se dia a dia, e só o pulso rijo do Coronel Morais Sarmiento conseguia travar-lhes o ímpeto e a audácia.

Decorria o mês de Janeiro de 1908, quando a Polícia averiguou que se tramava uma grande conspiração para implantar a República. Diz-se que levado este facto ao conhecimento do Governo de João Franco, foram diversas as opiniões dos Ministros, desejando uns que se prendessem os cabecilhas e se abortasse a Revolução, preferindo outros, como o Ministro da Guerra, Coronel Vasconcelos Porto, que se deixasse sair a Revolução, para esmagar os Revolucionários.

Prevaleceu a primeira solução e por isso, na noite de 28 do mesmo mês, a Polícia prendeu no elevador da Bica, onde estavam

reunidos, os chefes republicanos Afonso Costa, António José de Almeida, João Chagas, França Borges e outros, entre os quais, os monárquicos dissidentes Egas Monís e Ribeiro Brava.



Casa n.º 75, da Rua 4 de Infantaria, onde viveu e faleceu J. A. de Morais Sarmiento, prestes a ser demolida

É sabido que, como represália destas prisões, no dia 1.º de Fevereiro seguinte, foram assassinados o Rei D. Carlos e o Príncipe D. Luís Filipe, quando seguiam numa carruagem descoberta, e a Polícia nada mais pôde fazer do que dar pronta morte aos assassinos.

Seguiu-se o reinado de D. Manuel, caracterizado por fraquezas, transigências, cobardias e torpezas dos sucessivos Ministérios, sempre embaraçados com a arrogante e vitoriosa campanha republicana. Que ingrata e infeliz situação para um oficial disciplinado e disciplinador como era o Coronel Moraes Sarmiento, Comandante da Polícia!

E chegou-se finalmente e inevitavelmente à implantação da República.

No dia 3 de Outubro de 1910, a Polícia de Lisboa, pelas 6 horas da tarde, informou o Chefe do Governo e Ministro do Reino, António Teixeira de Sousa, de que nessa noite estalaria uma revolução com militares e civis. Então, como primeira medida, Teixeira de Sousa ordenou que toda a Polícia de Lisboa recolhesse às suas esquadras!...

Ainda hoje é absolutamente incompreensível esta ordem do Ministro do Reino, a não ser que admitamos o seu desejo de ver triunfar a revolução! Mas, José de Azevedo, Ministro dos Estrangeiros do mesmo Governo, garantiu que Teixeira de Sousa não fora traidor mas sim estúpido.

É evidente que ninguém como a Polícia conhecia os elementos revolucionários, os locais onde se reuniam, os seus pontos de concentração, e por isso ninguém melhor do que a Polícia, para prender os revolucionários que pudesse, e para informar o Governo do que se ia passando nas ruas.

Iniciando-se a revolução na noite de 3 para 4 de Outubro, o Governo reuniu-se no Quartel do Carmo e aí compareceu o Coronel Moraes Sarmiento, para exclamar perante o Ministro do Reino: «Presos todos os meus subordinados nas suas respectivas esquadras, venho eu também entregar-me à prisão!».

Algumas pessoas, que conheciam a rija fibra do Coronel Moraes Sarmiento, estranharam que ele não levasse mais longe a sua acção no 5 de Outubro.

É certo que ele podia reagir contra a ordem recebida do Ministro do Reino, mas tal atitude não se harmonizava com os hábitos de disciplina, em que se criara e vivera, durante algumas décadas. E depois, com a Revolução em plena rua e contando já com dois Regimentos, não era à Polícia que competia jugulá-la, mas sim ao Ministro da Guerra, ao Comandante da 1.^a Divisão Militar, aos Comandantes dos diversos Regimentos da Capital e arredores, e, antes que todos, ao próprio Rei, que era fraco e não herdara a valentia de seu Pai.

E assim ruiu a Monarquia.

Era uma hora de triunfo e alegria para muitos, mas era também uma hora de tristeza e desespero para muitos outros.

Houve traições e aviltamentos, mas também houve exemplos duma notável grandeza moral. Vamos contar dois.

Em Vale do Zebro, na Outra Banda, ao saber da implantação da República, o jovem Guarda-Marinha Frederico Pinheiro Chagas preferiu suicidar-se a aceitar o novo estado de coisas.

Em Lisboa, o Comandante da Polícia, Coronel José António de Morais Sarmiento, resolveu abandonar o Comando, mas fez publicar uma Ordem de Serviço, por onde se podem aquilatar as suas qualidades de disciplina, humanidade, lealdade e patriotismo, porque reza assim: «Durante 17 anos, que vos comandeiei, tive muitas ocasiões de notar quanto ereis dedicados pelo serviço e cumpridores das leis, respeitando sempre os vossos superiores; por isso, peço-vos que continueis a servir com a mesma lealdade e zelo a República, sistema governativo escolhido pela Nação, que temos por dever respeitar e defender. Despeço-me com saudade de todo o pessoal da Polícia e envio a todos o meu eterno reconhecimento e um saudoso abraço. J. A. de Morais Sarmiento, Coronel».

Após o 5 de Outubro, parece que a multidão vitoriosa pretendeu lançar fogo à casa onde morava o nosso biografado, mas este acto criminoso foi impedido pela intervenção do seu camarada, amigo pessoal e comprovinciano, General António Carvalhal da Silveira Teles do Carvalho.

Estava terminada a sua carreira oficial, porque em 1908 ao ser chamado para realizar o tirocínio para General, preferiu passar à reserva, pois só assim podia continuar no Comando da Polícia, à qual, durante tantos anos, deveras se afeiçoara.

Declarando por isso optar pelo serviço do Ministério do Reino, foi depois passado à reserva no posto de General, por equiparação, em 26 de Outubro de 1910.

Foi demorada e proveitosa a acção do Coronel Morais Sarmiento no Comando da Polícia, por sucessivas reformas desde 1893 a 1902. Tornou muito mais eficiente a acção da Polícia, porque conseguira elevar os efectivos, muito reduzidos, a quadros muito mais extensos: 1 Comandante, 3 Capitães, 1 oficial da Administração Militar, 2 sub-inspectores, 1 secretário, 23 chefes de esquadra, 112 cabos, 235 guar-

das de 1.^a classe e 1.169 guardas de 2.^a classe. A repressão policial sobre desordeiros, gatunos e outros criminosos passou a ser muito mais severa.

Uma das obras mais meritórias, a que ficou ligada a figura do Coronel Morais Sarmiento, foi a criação do Albergue das Crianças Abandonadas. Um simples guarda, chamado Joaquim Augusto de Andrade, condoído da miséria por que passavam tantas crianças sem amparo, começou a receber algumas em sua própria casa, mas, como não podia sustentá-las, principiou a apelar para a caridade de alguns vizinhos mais dotados de meios.

Desta ideia altruista, logo acarinhada e patrocinada pelo Comandante Morais Sarmiento, resultou a criação em 1897 do Albergue das Crianças Abandonadas, que ainda hoje funciona na Rua de Santo António, à Estrela, e nele, desde então até hoje, têm sido recebidas, alimentadas, vestidas e protegidas muitos milhares de crianças, com a idade entre 1 e 15 anos.

O General José António de Morais Sarmiento foi louvado inúmeras vezes e em 1896 foi nomeado Ajudante do Campo Honorário de El-Rei D. Carlos. Possuía a medalha militar de prata de comportamento exemplar, era Cavaleiro da Torre e Espada, Cavaleiro da Real Ordem de S. Bento de Aviz, Comendador de S. Bento de Aviz e Comendador de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Recebeu também a Comenda da Ordem Vitória e da Ordem do Mérito Militar de Espanha e foi condecorado com a Legião de Honra.

Tendo enviuvado em 1890, voltou a matrimoniar-se em 1903 com a sua parente, D. Mariana Vaz Guedes Pinto Bacelar, de Rio de Moinhos, concelho de Penafiel, mas deste segundo matrimónio não houve geração.

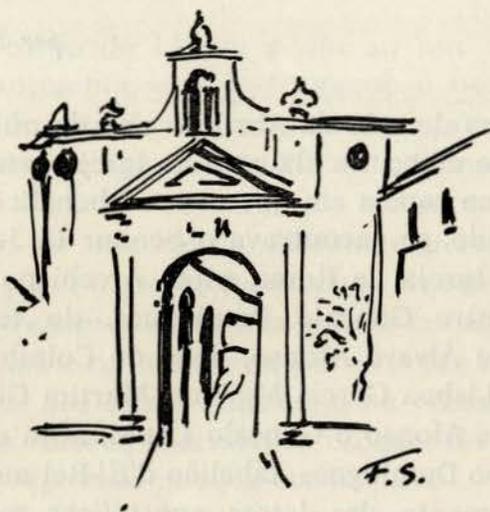
Após a implantação da República, continuou a viver na sua casa de Lisboa, na Rua 4 de Infantaria, 75, indo passar algumas temporadas à sua terra natal, Torre de D. Chama, em casa de seu cunhado, o médico, Dr. Ferreira da Silva.

Finalmente, o General José António de Morais Sarmiento veio a falecer em Lisboa, a 8 de Janeiro de 1918, contando 70 anos incompletos, e jaz no Cemitério dos Prazeres, da mesma cidade.

Era um oficial brioso, de pulso rijo, tão disciplinado como disciplinador, grangeando um alto prestígio, como tantas vezes ouvimos

dizer na nossa infância. Era na roda dos parentes e amigos conhecido pelo nome de *Zé da Torre*, *Zé* por ser José, da *Torre*, por ser natural da Torre de D. Chama.

Tendo sido pai de 5 filhos, como acima se disse, restam hoje muitos netos e bisnetos, em diversas localidades do País e do Estrangeiro.



UM EMPRAZAMENTO EM 1445

por M. CARVALHO MONIZ

AOS treze dias do mês de Abril do ano de mil e quatrocentos e quarenta e cinco, na claustra da igreja catedral da cidade de Lisboa e na capela em que os seus beneficiados costumavam fazer cabido, se encontrava o Senhor D. João, por mercê de Deus e da Santa Igreja de Roma então Arcebispo de Lisboa, acompanhado do chantre Gonçalo Domingues, do tesoureiro Gonçalo Anes Canelas e de Alvaro Afonso, deão de Coimbra, e dos cónegos da mesma Sé de Lisboa Garcia Martins, Martim Gil Afonso, Gonçalo Aires, Alvaro Pires Afonso e Gonçalo Lopes, afim de, segundo o costume, perante Lobo Domingues, tabelião d'El-Rei na cidade de Lisboa, tomarem conhecimento das *letras apostólicas* mandadas pelo *Senhor Papa* a requisição feita pelo cavaleiro João Afonso.

Mandou o dito Senhor Arcebispo ao referido escrivão Lobo Domingues que lhe apresentasse o emprazamento por ele feito em conformidade com as *letras apostólicas*, acrescentando:

«Que havia um lugar que é chamado Câmara no termo da nossa cidade o qual há grande tempo estava muito danificado e que se danificava ainda mais em cada um dia e que ele considerava serviço de Deus e pela honra da dita Santa Igreja de Lisboa e sua mesa arcebispal trazia emprazamento do dito lugar da Câmara a João Afonso de Brito e a Violante Afonso sua esposa e a um filho ou filha qual o *prestameiro delles nomear ante ou ao tempo da sua morte* e porque

o referido empraçamento não podia bem fazer-se sem o consentimento do dito cabido *que porém pedia e pediu aos ditos Chantre e Tezoureiro e Cónigos tomem cabidoo que lhe dessem consentimento para ele poder fazer o dito empraçamento*». (1)

Em vista da *requiziçom e o dizer do dito senhor arcebispo e porque sabiam bem e lho asy notaram* que o referido lugar da Câmara estava e era mais danificado e se perderia de todo se não fosse dado a alguma pessoa que o *reparasse ameudo*, entendendo que o dito empraçamento era em prol da dita Igreja, tomou então cabido e em nome do cabido *dele leram consentimento e comprido poder ao dito senhor Arcebispo que ele em seu nome do dito cabidoo e quanto a esse cabidoo de direito e costume pertença fizesse e podesse fazer empraçamento do dito lugar da Câmara com suas pertenencias*.

Então o Arcebispo de Lisboa pediu ao seu ouvidor, de nome Afonso, que lhe apresentasse o instrumento e usando do consentimento e poderes do dito cabido empraçou e outorgou ao cavaleiro João Afonso de Brito e a sua mulher Violante Afonso e a um seu filho ou filha de ambos nomeado ao tempo da sua morte, o dito lugar da Câmara com todos os seus casais, direitos e pertenças *sob tal preceito e condiçom que o lograsse e possuísse no tempo e dias de suas vidas e adubem e repairem e mantenham as casas que suas som no dito logar e as ffaçam e reffaçam se necessário for e ffaçam e adubem e repairem as casas dos casais e as reffaçam vivendo ou falecendo e lavrem e ffaçam lavrar e aproveitem as erdades do dito logar e quinta da igreja que seja todo sempre melhorado*.

Seguidamente foi fixada a renda e géneros que eram devidos ao Arcebispo de Lisboa e seus sucessores, a pagar anualmente, *em paz e em salvo* na cidade de Lisboa, e a renda era do quantitativo de *cem livras de moeda antiga ou paguem por cada hua livra como pagarem dos contrautos do arcebispo e cabido ou como el rey mandar pagar*.

O pagamento da renda devia ser feito todos os anos pela seguinte forma: metade no dia de Natal e a outra metade no dia de S. João

(1) — *Manuscrito da Biblioteca da Manizola, actualmente na Biblioteca Pública de Évora — Cód. 317 (7) — cuja tradução me foi gentilmente oferecida pelo ilustre arqueólogo Ex.º Senhor Padre Henrique da Silva Louro.*

Baptista. O primeiro pagamento seria feito no primeiro próximo Natal e a outra renda no dia do referido Santo depois deste Natal.

Também foi contratado que o dito João Afonso e sua mulher e pessoa que lá estiver nessa altura *não possam no dito lugar lindar, nem doar, nem escambar, nem alhear nem outrossy em outra pessoa transmudar sem o fazendo por meirinho saber ao dito senhor arcebispo aos seus sucessores por escripto facto.*

No caso de se resolver a fazer a venda do referido lugar e houver outros pretendentes para o efeito que os referidos João Afonso e sua mulher *o possam haver por meatade do preço que lhe por ele for dado de compra ou por mudança.*

Porém não adubando, reparando, fazendo e refazendo as casas da quinta *que ora som rotas* e as casas dos caseiros e não lavrando e aproveitando as ditas herdades como se estabelece e não pagando a dita renda anualmente, paguem *a salvo com todas as despesas por parte do dito senhor ou seus sucessores por a dita razom e mais som cinco livras desta moeda antiga em cada um dia de pena em nome do brio e judissio.*

No instrumento do contrato foi então aposto o sinal do tabelião Lobo Domingues e os selos do Senhor Arcebispo de Lisboa e do cabido da Sé.

Intervieram então as testemunhas presentes que foram o chantre da Sé Gonçalo Domingues, o cónego Gonçalo Anes, o mercador Martim Álvaro, o *veador da casa* Lourenço Anes, e Afonso Cavaleiro, e ainda o escudeiro do Arcebispo, Gonçalo Anes Belleagua.

E deste modo no já remoto dia treze de Abril do ano de mil e quatrocentos e quarenta e cinco, isto é, há mais de cinco séculos, o então Arcebispo de Lisboa deu de emprazamento a João Afonso de Brito e a sua mulher o lugar da Câmara, no termo desta cidade.



O

«Nunes da Lancha»

lisboeta, pioneiro da ocupação de Angola

*Conferência proferida na sede do Grupo
«Amigos de Lisboa», em 7 de Junho, pelo
CORONEL JOSÉ RIBEIRO DA COSTA JÚNIOR*

Minhas Senhoras e meus Senhores :

QUEM, ano passado, verificou, com satisfação e orgulho, quanto os naturais de Angola, de raça preta — especialmente os *bailundos*, que merecem uma epopeia — auxiliaram os colonos e as tropas portuguesas na luta contra o terrorismo, desencadeado pelo estrangeiro, para nos desapossar daquela extensa e riquíssima província ;

Quem constatou que, para o sul do rio Quanza, isto é, na maior parte de Angola, as tribus indígenas se mantiveram fiéis a Portugal ;

Quem agora vê escrito ou ouve clamar : «Angola é portuguesa», ou lê... cartas vindas de Angola, cheias de fé no futuro desta província sob o domínio português ;

Quem observa, na Imprensa, o testemunho de estrangeiros admirados da fraternidade entre brancos e pretos, colaborando no progresso e civilização da nossa África ;

Está longe de imaginar que de trabalhos, de sofrimentos, de perdas de sangue e de saúde, de vidas sacrificadas de militares portugueses, para que tudo o acima mencionado fosse possível.

Um desses Portugueses que tudo sacrificou, incluindo a vida, ao serviço de Angola, foi o 2.º Tenente da Armada, Jaime Teodorico da

Silva Nunes. Alinhavam-no os camaradas, «O Nunes da Lancha», por ele comandar uma lancha de guerra e se enervar, por ela não poder navegar no rio Cubango, do Sul de Angola, para onde fora transportada.

Conheci o Silva Nunes, privei com ele e mereci a sua amizade. Estou convencido de que, se a morte o não leva, com pouco mais de 30 anos, Lisboa poderia hoje orgulhar-se desse seu filho. Mas, pelo



O Biografado, o Conferente e o Dr. Salvador entre oficiais do Posto A

que Silva Nunes pôde fazer ao serviço da Pátria, em tão poucos anos, honrou a cidade que lhe foi berço.

Comecei a conhecer Silva Nunes, por uma grande gentileza que ele teve para comigo. Em 28 de Março de 1910, eu, tendo partido de Sá da Bandeira, acompanhando um contingente de degredados e de recrutas pretos comandados pelo Alferes Brito e Abreu, e um comboio de seis carros boers com material e abastecimentos destinados aos novos postos militares do Baixo Cubango e Baixo Cuito, estava

a uns 730 quilómetros de Mossâmedes, contando ir, na noite daquele dia, dormir do Posto Militar de Caundo, o Posto A.

Pelas 10 horas, sob o sol duma linda manhã, esbarráramos com uma larga e extensa planície na qual o capim alto encobria uma linha de água afluyente da margem direita do rio Cubango que iam acompanhando.

Procurávamos descobrir sítio para os carros vadearem aquela *mulola*, quando me chamaram a atenção para uma coisa vermelha que, do outro lado, parecia uma papoila a sobressair do trigo amadurecido.

Essa coisa vermelha era a flâmula da lança da ordenança do Comandante Militar do Baixo Cubango que viera até ali, para me cumprimentar e convidar para o almoço com ele. Para isso, aquela ordenança trouxera, pela arreata, um macho do esquadrão de dragões. Aquele Comandante Militar era o 2.º Tenente Silva Nunes.

*

Jaime Teodorico da Silva Nunes fora prestar serviço em Angola, voluntariamente. Sendo casado e pai duma filhinha, quando regressou a Lisboa, depois duma viagem de instrução naval, haviam-lhe falecido as duas e, de coração amargurado, desejou ir morrer a África, ao serviço da Pátria.

Colocado em Angola, foi incorporado na coluna militar que ocupou o Cuamato em 1907, e, pela sua bravura e desprezo da vida, foi condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Torre e Espada.

João de Almeida, nomeado Governador de Huila em 1908, logo confiou o comando da lancha de guerra «Cunene», posta a navegar no rio deste nome, em serviço de polícia, ao 2.º Tenente Silva Nunes.

Em 1909, João de Almeida, desejando ocupar o Baixo Cubango e o Baixo Cuito, que os alemães iam considerando terra deles, organizou uma coluna militar e, com base no Posto A criado no ano anterior, realizou a ocupação. Para auxiliar a mesma coluna militar, aquele governador fez transportar para o rio Cubango, a lancha «Cunene» e encarregou Silva Nunes de, com ela, duas lanchas a motor e quatro barcos de ferro transportados de Mossâmedes em

carros boers, organizar um comboio fluvial para transporte de abastecimentos. Mas, o leito daquele rio apresentou-se cheio de rápidos e pedras que impossibilitaram a navegação da lancha «Cunene» e da maior a motor. Silva Nunes teve de contentar-se com a mais pequena das lanchas, os quatro barcos de ferro e uns *dongos* ou canoas gentílicas.

Mesmo estas embarcações de reduzido calado, exigiram-lhe muito esforço, muita tenacidade e muita paciência, para dirigir com eficácia, os trabalhos insanos do pessoal sob as suas ordens, pois várias vezes as embarcações tiveram de ser descarregadas e transportadas por terra; mas ele conseguiu vencer os 600 quilómetros que vão de Caundo e Gurmaala próximo de Mucusso!

Há dois anos, depois de grandes trabalhos para tornar o Cubango navegável naquele percurso, foi inaugurada a navegação fluvial, com dois pequenos vapores, tendo sido dado a um, o nome «Silva Nunes».

É bem merecida homenagem à memória de quem foi de facto o precursor da navegação naquele grande rio.

*

O Comando militar de Silva Nunes compreendia os Portos Militares de Caundo, designado Posto A., e o do Cuangar, separado por uma distância de 275 quilómetros. Cada posto militar era constituído por um forte, a *sanzala*, uma granja agrícola, estábulos, oficinas e armazéns.

O forte era um grande quadrilátero de parapeitos de terra, baluartes nos ângulos opostos, fosso circundante e de rede de arame farpado além dum campo de tiro e, dentro dele em casas de pau a pique cobertas a capim ou zinco, funcionava o Comando e viviam os oficiais e praças europeias.

A *sanzala* era um grupo de pequenas casas também de pau a pique e capim, fora do forte, mas dentro da rede, nas quais habitavam as praças indígenas com as suas mulheres.

O regime de viver nestes postos militares era: levantar à alvorada e comer de garfo, — porque alegava Silva Nunes que, por comer se devia começar o dia; — trabalhar até ao meio dia; almoçar, repousar uma hora e trabalhar até às 19 horas; jantar, passear ou conversar até às 21 horas, em que tocava a silêncio; recolher para dormir.

Em geral, cada oficial, sargento e mesmo soldado branco, tinha a sua criada preta, indispensável como lavadeira, cozinheira, costureira, enfermeira, aquisidora de alimentos, intérprete e até polícia secreta, preciosa especialmente nas marchas de dias pelo mato. Porém, estas dedicadas raparigas só tinham autorização para entrar no forte, ao toque de silêncio, para saírem à alvorada.

Depois Silva Nunes mostrou-me a granja agrícola onde me consolei de ver talhões de hostaliças, de legumes e de batateiras, campos de milho e uma como experiência de cultura de trigo, renques de tomateiros e um alfobre de árvores frutíferas da Metrópole. Enchi-me de admiração quando ele me disse que era o dirigente daquela lavoura.

As nossas tropas de ocupação de África não levavam com elas apenas armas, munições, material de guerra e abastecimentos próprios; dotavam-se também com sementes e outros elementos necessários à criação de granjas agro-pecuárias, com três objectivos: produzir alimentos para as guarnições dos fortes, instruir os soldados indígenas e incitar o gentio a produzir mais, para melhor viver, civilizando-se.

Num largo do Posto A. por convite de Silva Nunes, já funcionava uma casa comercial, para permuta de artigos europeus, como cera, borracha e outros produtos. E era assim que se formavam as futuras povoações de brancos e pretos irmanados no progresso civilizador.

Ao passear, com Silva Nunes, pela granja agrícola, eu notara que os trabalhadores, soldados indígenas, vestiam calção e blusa de riscado e recebi dele a explicação de que o prestígio dum comando dependia também do asseio do uniforme dos subordinados e, para poupar esse uniforme, fornecia aos soldados aqueles factos de riscado para serviços não puramente militares.

Ao visitar com Silva Nunes, a lancha «Cunene» reparei nos seus marinheiros impecáveis no seu uniforme próprio e Silva Nunes explicou-me que também fornecia esse uniforme aos seus marujos que eram soldados indígenas por ele instruídos.

Não pude deixar de dizer: — Com que então o Comandante consegue, dos soldados indígenas de infantaria, que eles sejam também agricultores e marinheiros? Silva Nunes respondeu: — E faço-os também cavaleiros, utilizando, para isso, 16 muares do esquadrão

de dragões que cá tenho, podendo desta forma, constituir uma pequena coluna ligeira de tropas, para acudir a qualquer parte.

Aumentou a minha admiração por aquele extraordinário oficial de marinha.

Da lancha «Cunene» atracada à margem esquerda do Cubango, saltámos em terra, para ir ver o Comando Militar do Baixo Cubango que Silva Nunes instalara naquela margem, em pequenas casas de pau a pique cobertas de capim.

Ali tinha a secretaria, as habitações suas e do Cabo fogueiro, a *sanzala* dos seus marujos e criados particulares, sala de audiência e alojamento para os sobas seus hóspedes.

Silva Nunes residia no Comando Militar, quando havia oficiais para comandar os postos militares. Durante a minha estada de 107 dias no Posto A., tive ocasião de observar, não só a ordem, a disciplina e a dignidade do Comando superior de Silva Nunes, no sentido de tudo fazer progredir, mas também a política indígena que ele adoptava no encaminhar das populações, para a civilização portuguesa.

Conhecendo a influência que os *sobas* exerciam sobre os seus povos, procurava captar-lhes a simpatia, para os orientar e ter como nossos colaboradores.

Lendo agora na Imprensa, a acção política social exercida pelas tropas portuguesas que dominaram o terrorismo no norte de Angola, para fazerem regressar às suas aldeias e ao trabalho produtivo, as populações que os terroristas haviam afugentado, não posso deixar de considerar Silva Nunes também um precursor dessa política.

Os sobas do Comando Militar do Baixo Cubango ofereciam presentes a Silva Nunes, que ele retribuía generosamente. Um desses presentes foi uma avestruz ainda nova que Silva Nunes fez domesticar e lhe alegrava o Comando Militar. Outro presente mais me admirou, por ser um magnífico cevado. Sempre personificando a gentileza, Silva Nunes quis que os oficiais em serviço no Posto A., que eram eu, o Alferes Madeiro, Comandante do Posto, o Alferes Médico Dr. Salvador, apreciassem carne tão excelente e ofereceu-nos um almoço a bordo da lancha «Cunene» que fez subir até ao Vilombo. Após o almoço, entre admirável paisagem, a lancha foi encostada à margem, onde desembarcamos para assistir a um batuque.

O soba de Caundo, em homenagem a Silva Nunes e aos seus convidados, quis fazer-nos ver um batuque que só muito excepcionalmente era permitido ser observado por brancos. Tomaram parte nesse batuque todas as raparigas e rapazes do sobado, em danças de corpos coleantes e música com canto. Numa das danças, percebi que diziam: «*Tenente Candende cande biera no matemba*». Pedindo a tradução a um intérprete, ouvi: «*Tenente magro que chegou com brancos nos carros*». Esse tenente magro, era eu! De forma que aqueles selvagens souberam ser gentis para comigo, para serem agradáveis ao Comandante Militar a quem consideravam o «Senhor da terra».

Mas Silva Nunes foi mal sucedido com dois sobas. Um foi o Auanga, do Cuangar. Este tinha a sua *embala*, próximo do Posto Militar português que era na margem esquerda do Cubango, em frente do posto militar alemão na margem direita que, de ali para leste, era território do Sudoeste Africano.

O Comandante do forte militar português mandara uma confidencial a Silva Nunes, prevenindo-o de que o soba Auanga se manifestava arrogante, parecendo influenciado pelos alemães.

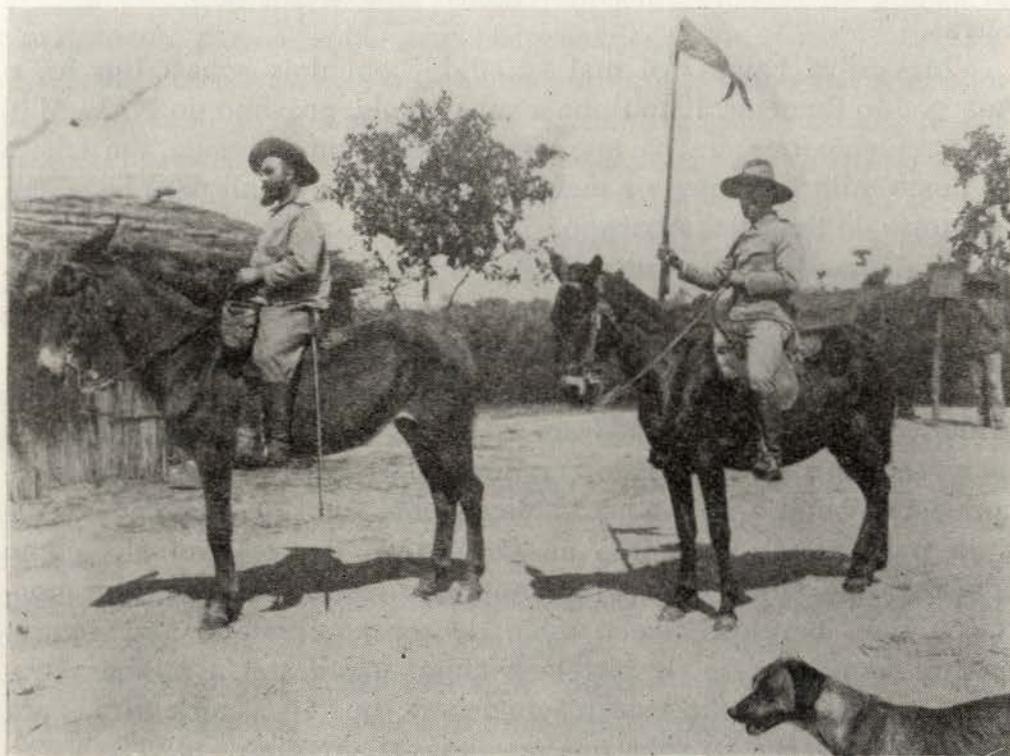
Ora, como o Sudoeste Africano era pouco povoado, devido à sua aridez, os alemães empregavam todas as subtilezas para atrair o maior número de gentio do território português. Silva Nunes procurava combater a nociva acção alemã, com actos de dignidade e cortezia portuguesa. Foi então ao Cuangar e trouxe com ele, como convidados, o Aunga e o seu ajudante que vestiam à europeia e montavam bons cavalos. Tive ocasião de ser apresentado ao Auanga; porém, como o visse de pistola à cinta, manifestei a minha estranheza e Silva Nunes e este respondeu-me que isso consentira, para merecer confiança ao soba que era desconfiadíssimo.

Já o Auanga e o ajudante iam sendo ensinados a ler português, quando Silva Nunes teve a ideia de lhe oferecer uma ida a Sá da Bandeira, para ser recebido pelo Governador e se relacionar com o comércio local. Foi aproveitado um carro boer de retorno, para dormida, pois os pretos iam a cavalo, e dois soldados europeus como pagens. Mas, decorridos 5 dias de marcha, o Auanga e o ajudante fugiram.

Não cheguei a conhecer a causa.

Silva Nunes sofreu enorme desapontamento. O Auanga apareceu em 1914, mas com homens seus armados, a auxiliar os alemães no traiçoeiro massacre da guarnição de Cuangar.

Outro soba que também muito desgostou Silva Nunes, foi o de Caxaxa, pois que mandara matar a tiro um soldado indígena que conquistara o amor duma *mucandona*, rapariga, da sua *embala*, e tomara-a para sua mulher, sem a pedir ao soba, como era costume, e pagar-lhe o *alambamento* em bons presentes. O soldado assassinado



O Comandante Silva Nunes e a sua ordenança

prestava serviço com outro, no pequeno posto, em frente de Caxaxa, a umas dezenas de quilómetros a montante do Posto A.

Logo que soube da ocorrência, Silva Nunes organizou uma pequeno coluna, com um sargento europeu e 12 soldados indígenas, a cavalo e uma viatura com abastecimentos, caiu de surpresa sobre

a *embala*, prendeu o soba e, não conseguindo saber quem dera o tiro, trouxe para o Posto A., com o soba, 8 homens suspeitos.

O gentio da *embala* que, ao ouvir barulho, se levantara armado, poderia ter massacrado Silva Nunes e a sua pequena força, em defesa do seu *soba*. Se o não fez, foi porque Silva Nunes gozava de grande prestígio na região. Silva Nunes, vendo-se cercado de muitos homens armados, mandou-lhes dizer que prendia o soba e queria prender o assassino, porque — acentuou — matar o nosso semelhante nem o *Muene-Puto*, Governo de Portugal, podia matar; por isso o soba tinha de ser julgado no Tribunal de Sá da Bandeira, bem como o *panga* a quem ele ordenara a morte do soldado. Mas foi arrojo demonstrativo de coragem e valentia, a prisão do soba de Caxaxa, diante do seu povo, com tão poucos soldados.

Tive ocasião de ser testemunha de outra demonstração da coragem e valentia de Silva Nunes. Um dia, na hora de repouso, após o nosso almoço, eu e Silva Nunes, os únicos oficiais que estavam no Posto A, conversávamos num caramachão que havia fora do posto, quando ouvimos barulho e um tiro dentro do mesmo forte. Silva Nunes levanta-se rapidamente, agarra um pau que viu no chão e corre para o forte. Eu segui-o.

Na parada interior, duas dezenas de soldados indígenas — que eram todos disciplinares, isto é, com castigos — manietavam os dois únicos sargentos do posto que procuravam resistir-lhes. Silva Nunes com uma paulada, afastou logo dois dos soldados que prendiam um dos sargentos e eu tive de fazer o mesmo, para libertar o outro.

Afinal o que julgávamos ser uma insubordinação, não era mais que o resultado duma bebedeira colectiva. Mas, para descobrirmos com que os soldados se tinham embriagado, foi o cabo dos trabalhos e, não se descobria, se não é a lealdade duma preta, para quem Silva Nunes apelou, prometendo não castigar os soldados. Fora o cozinheiro que, indo buscar vinagre a um barril que se encontrava entre uma dezena deles com vinho acetificado, pelo olfacto descobriu um com aguardente. Ora, bebeu, e, por solidariedade tradicional entre os pretos, indicou o néctar aos camaradas que não se contiveram e embriagaram-se. Foi uma descoberta preciosa naquelas alturas, porque a aguardente era moeda forte e o melhor presente a oferecer a um soba. Tivemos de nos armar de espingardas, os oficiais e os sar-

gentos, para escoltar o barril até ao calaboiço vasio, onde foi fechado à chave.

Não se pense que Silva Nunes servia voluntariamente naquele Comando Militar, por ali ter comodidades e bons vencimentos.

O Posto A, onde Silva Nunes viveu uns quatro anos, situava-se na margem direita do rio Cubango, numa elevação donde este se descobria em grande extensão, lugar bastante aprazível; mas, após cessarem as chuvas, ficavam águas nas *mulolas*, a estagnar e despedir mosquitos «Anofeles» que nos sugavam o sangue em troca de miasmas palustres que nos faziam bater febres nauseantes e dolorosas. Quase de 8 em 8 dias, me aparecia Silva Nunes a tiritar embrulhado no seu capindó de marinha e a dizer-me sorrindo resignado: «Cá está ela».

E várias vezes acontecia ele encontrar-me a tiritar também, dentro do meu capote. Mas, com febre, trabalhávamos.

Relativamente à alimentação, não tínhamos nem uma pinga de vinho, nem a deliciosa batata, nem açúcar para adoçar o chá ou o café, nem pão! E a falta de pão era tão sentida que o Alferes médico Dr. Salvador, teve a ideia de mandar amassar macarrão, fazer pães que foram a cozer num forno aberto num morro de salalé; mas com grande desgosto nosso, esse pão saiu intragável!

Pude deixar o Posto A, em 15 de Julho, para continuar o meu serviço de inspecção e reabastecimento dos postos militares: do Cuangar, aflito; da Bunja, onde encontrei o sargento comandante inanimado pela fome; do Sámbo, onde o 1.º Cabo comandante cegara por deficiência de alimento; do Dírico que a guarnição abandonara por falta de géneros e, do Mucusso, onde se mantinha o digno Alferes Brito e Abreu que ia à caça, para alimento dos seus homens.

Ao despedir-me de Silva Nunes, no Posto A., ele quiz ter a última gentileza para comigo. Não obstante eu ter aceitado o transporte num carro de toldo da coluna militar do Comando do Tenente Veloso de Castro, que passava em direcção ao Cuando, Silva Nunes teimou em fazer-me acompanhar dum macho de dragões e respectivo tratador, soldado indígena.

Aquela gentileza de Silva Nunes foi providencial, porque adoeci gravemente e o Tenente Veloso de Castro pretendia obrigar-me a regressar ao Posto A, onde havia médico para me tratar.

Os exemplos de Silva Nunes e o seu macho resolveram-me a continuar a marcha a cavalo, mesmo que a morte me fizesse enterrar ao lado do caminho. E, caso curioso, a horrível febre desapareceu-me e, durante quatro meses, não voltou a apoquentar-me! Consegui assim cumprir a missão de que me incumbira João de Almida e ser por este proposto para a medalha de prata de bons serviços com que fui agraciado, porém devido ao exemplo de Silva Nunes e ao macho que ele me forcara a levar comigo.

A última vez que vi Silva Nunes, foi a 26 de Outubro desse ano de 1910, poucos dias antes de eu chegar ao Posto A., de regresso de Mucusso. Dirigia-se ele, com a sua ordenança e carregadores com a bagagem, ao Cuangar, para substituir o Comandante Alferes Rosendo Dias que precisava de baixar ao Hospital de Sá da Bandeira.

Quando lhe perguntei, no caso dele adoecer, quem o substitua, respondeu-me, sorrindo resignado: «Isso é com o Governador».

Demos ali o último abraço; eu com a grande amargura de ter de me afastar para sempre, dum dos meus melhores mestres: mestre na gentileza, no aprumo pessoal, no exercício de Comando, na política indígena, no não temor à doença e à morte, no brio de bem servir e no desinteresse material!

Tive depois correspondência com Silva Nunes de quem conservo cartas. Na de 7 de Fevereiro de 1911, enviou-me um plano de ocupação pacífica do Cuanhama: *«Trata-se de estabelecer no Cuanhama uma missão militar para educar o gentio e vigiar o nosso território e fronteira. Essa missão seria composta de um oficial, um sargento e 6 a 10 soldados indígenas. Abriria uma escola para crianças e adultos mesmo. Iria ensinando o valor do progresso e moralizando os costumes dos cuanhamas. Nada de fortalezas formidáveis... depois viriam oficinas para aprendizagem de ofícios e pouco a pouco nos iríamos ingerindo na vida íntima dos cuanhamas. E quando os alemães se alargassem para fóra das suas fronteiras, lá encontrariam uma bandeira portuguesa e um oficial que lhes falasse e os recebesse. Os meus pretinhos já estão a aprender a falar cuanhama. Se o Governador quiser, estou às ordens e com prazer.»*

Corri entusiasmado a levar o plano de Silva Nunes, ao Governador Capitão Albuquerque Felner — que o Governo mandara substituir João de Almeida — que, depois de me ouvir falar da temeridade prudente do meu grande mestre e da fé que este tinha na sua política

índigena e no prestígio de que gozava no Sul de Angola, encarregou-o de iniciar a execução do seu plano. O Alferes Madeira, ao comunicar-me a partida de Silva Nunes para o Cuanhama, dizia-me: «Há-de obter resultado, tamanha é a fé e vontade com que ele foi».

Silva Nunes aventurou-se a ir ao Cuanhama entender-se com o soba Mandume, mas este déspota sanguinário e vaidosíssimo, tinha próximo da sua *embala* três missões alemãs que o lisongeavam, por-



O Comandante Nunes e os seus marinheiros

que aquele soba imperava sobre um território de 5.500 quilómetros quadrados, com cerca de 100.000 habitantes, dos quais os homens válidos, todos os anos, logo que, depois das chuvas, os rios davam vaus, saíam em guerilhas de tangas de 100, homens bem armados e comandados a cavalo, e iam até 300 quilómetros em território de Angola, roubar gados, mulheres e crianças que permutavam por armas, munições, bebidas alcoólicas e outros artigos, recebidos da colónia alemã, através da sua fronteira de 60 quilómetros.

Mas Silva Nunes, que isto conhecia muito bem, ousou, para bem servir a Pátria e a civilização de Angola, tentar a política indígena portuguesa que tão distintamente personificava.

Que a submissão do Cuanhama era um osso duro de roer, mostra-o a campanha de 1915 em que tomei parte, sob o comando do General Pereira de Eça. Tiveram de se organizar três colunas militares com o efectivo de 4.555 homens e 1983 solípedes de todas as armas, e serviços e sofremos as perdas de 18 oficiais, 104 praças e 482 solípedes, entre mortos e feridos.

A outra carta que tenho de Silva Nunes é de 20 de Fevereiro de 1911. Foi a última lição que dele recebi e a que mais me comove. Eu, sabendo que Silva Nunes estava cheio de dívidas, por causa de gastar, sem peso nem medida, com o que considerava preciso para bem cumprir as suas funções de Comandante Militar do Baixo Cubango, incumbi-me de lhe receber os vencimentos em atraso e liquidar essas dívidas. Transcrevo desta segunda carta, o seguinte: *«Já que o meu amigo se interessa por mim e me quer fazer esse obséquio, peço-lhe o favor de ver se se poderá pôr isto a nado! Talvez do seguinte modo. Envio mais folhas seladas assinadas. O meu amigo recebe o meu vencimento e dá ao Santos (Figueiredo) o que fôr preciso para lhe pagar as contas que eu lhe mandei dizer, principalmente ao Shois's, a uns alemães que aí hão-de aparecer e ao Rocha (duzentos e tantos mil réis e não quatrocentos). Depois de pagar mais algumas dívidas a particulares (essas é que eu não quero ter) peço-lhe que me reserve uns centos de mil réis para pagar à Secção de Adidos o que aqui tenho consumido e o resto (se o houver) para o Estado». A acrescentar à minha dívida ao Depósito daqui, há um conto e tal que devo ao depósito do Forte Roçadas e que aí deve constar também. Depois de tudo isto metido em conta peço-lhe que me mande dizer em que fica tudo, para mandar vir algum dinheiro de Lisboa para amortizar. Quanto ao débito ao Estado, não será possível ser pago por descontos? Como sabe a dívida não é devida a géneros que eu comesse. Sabe como a avolumei. Parece-me não ser desonroso ter uma dívida nestas circunstâncias, quando tantos têm economias. E dizia o «Mundo» de 9 de Novembro, que eu estava num «nicho»!!»*

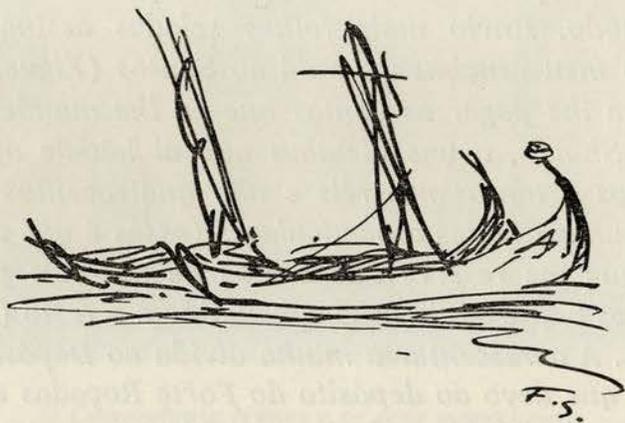
É tal ainda hoje a minha admiração por semelhante abnegação pela Pátria, que não encontro palavras para a restacar. Só uma alma

de eleição, gastaria com o Estado, mais do que aquilo que o Estado lhe pagava.

Depois do fracasso da sua heróica tentativa de submissão pacífica do Cuanhama, Silva Nunes foi mandado ao Baixo Cuito, para deslocar o forte do Mucusso, mais para montante, em virtude de acordo entre os Governos Alemão e Português. Entrara o ano de 1913 e, no regresso ao Cuangar, Silva Nunes foi acometido duma biliosa, sem haver médico que lhe valesse. E morreu no seu posto como desejava.

Quando soube da notícia, chorei.

Chorei, porque a Pátria perdia um dos seus mais valorosos, inteligentes e dedicados servidores; eu, um mestre insigne e amigo dilecto; Lisboa, um filho que, como raros, a estava honrando.



EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE AFONSO LOPES VIEIRA

*Relato resumido do seu encerramento
e das palavras proferidas pelo expositor,
Eng. Júlio Eduardo dos Santos, e pelo
Secretário-Geral, Doutor Eduardo Neves.*

Na tarde de 30 de Abril, em que se encerrou esta notável exposição — à qual nos referimos no presente número de *Olisipo*, na secção «Actividade Cultural» — reuniram-se, na sede dos «Amigos de Lisboa», numerosos amigos e admiradores do Poeta e vários membros da sua família, tendo usado da palavra o expositor, que começou por recordar uma sugestão feita pelo grande jornalista Artur Portela, por ocasião da morte de Lopes Vieira. Apagara-se então uma das mais belas estrelas da literatura portuguesa. Toda a sua obra, dom de lusitanismo, não deve ser esquecida, havendo que dizer o mesmo da sua existência, admirável de nobreza, de português de lei. Por isso aquele jornalista formulou um voto enternecedor: «Para que não se apague, mas viva sempre a memória gentil de Lopes Vieira, bom seria que os seus admiradores, numa Távola Redonda de amizade, acendessem, perene e brilhante, a lâmpada das memórias que não morrem!»

Ao ver ali reunidos alguns dos seus mais dedicados amigos e admiradores, e ao recordar tantos outros que tinham dado valioso e significativo aplauso à manifestação cultural que ia terminar, disse crer existir já essa Távola Redonda... Perdure ela, animada sempre do mesmo fervor assim manifestado por muitos dos que melhor amaram e compreenderam o notável Poeta e

querido Amigo: que seja a mantenedora da saudade por quem tão nobremente serviu a Grei Lusitana!

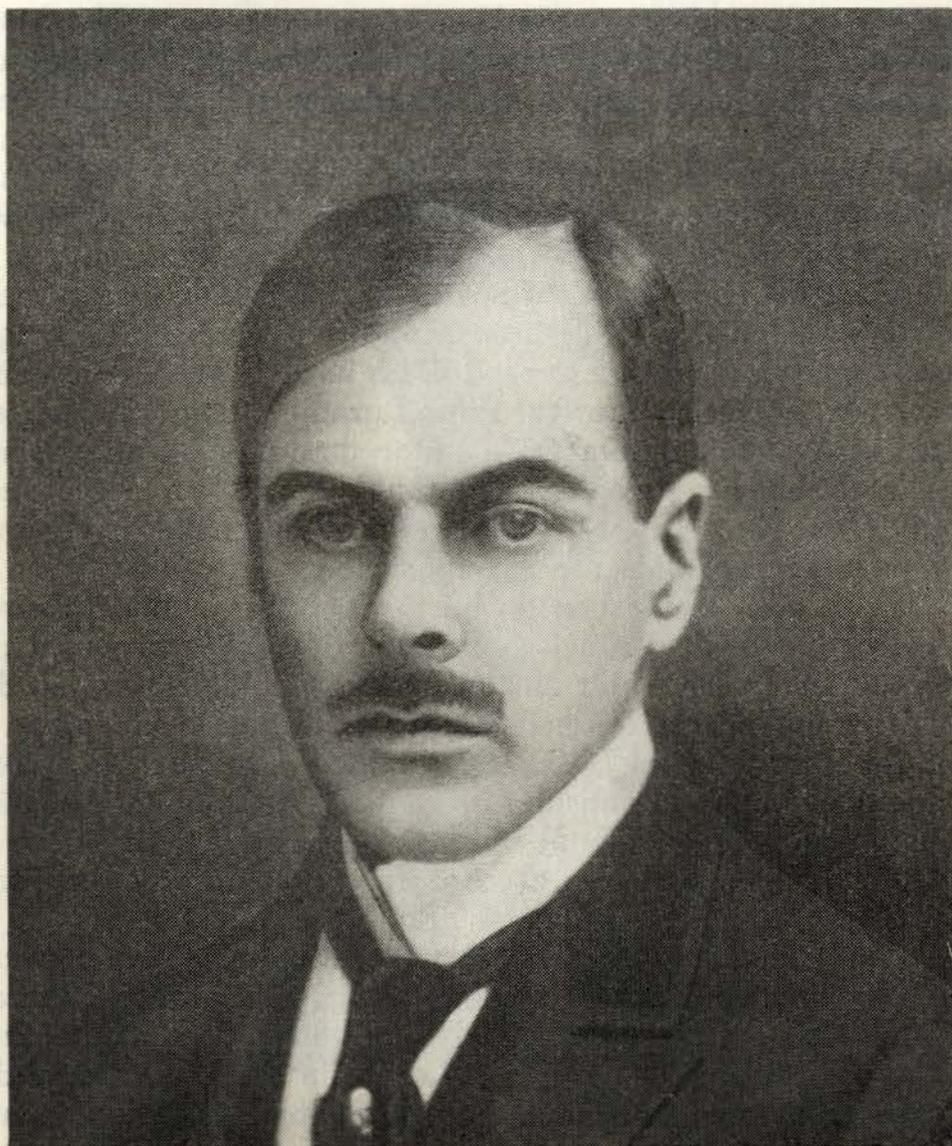
Notou seguidamente que não fora ainda exaltada pelos «Amigos de Lisboa» a complexa personalidade de Afonso Lopes Vieira em qualquer dos aspectos da sua vida e obra. Impunha-se consagrar neste meio esta grande figura, porque embora não nascido na capital, elegeu-a como centro de onde irradiou a fecunda acção que exerceu, quer como escritor quer em todos os campos em que esse criador de beleza teve contínua e forte intervenção de orientador. Lopes Vieira — acentuou o orador — dignificou Lisboa, mas o que o Poeta lhe concedeu retribuiu-o ela largamente, como único grande meio nacional próprio para servir os seus alevantados e nobres ideais.

Justificava-se, assim, a exposição bibliográfica que ia encerrar-se, iniciativa acarinhada pelo aplauso de muitas e distintas personalidades, às quais testemunhou o seu reconhecimento, extensivo à Imprensa — que com excepcional relevo se lhe referiu — e à Ex.^{ma} Junta Directiva dos «Amigos de Lisboa», designadamente ao ilustre e dedicadíssimo director secretário-geral, sr. doutor Eduardo Neves, que alto interesse lhe dispensou.

Sendo fundamentalmente acto de consagração da admirável obra de Afonso Lopes Vieira, a exposição veio carrear importantes subsídios para a elaboração da sua tão necessária bibliografia, que constituirá sector relevante da Bibliografia Literária Portuguesa. Deve salientar-se — frisou, embora a anotação se encontre exarada nas palavras preliminares do catálogo — que os escritos do insigne poeta e prosador dispersos por revistas e outras publicações são numerosos — desde os seus tempos de Coimbra, época de que provêm muitos de rara beleza e altamente promissores —, revestindo-se o seu conhecimento de acentuado valor para o estudo da evolução do pensamento do autor. A propósito, leu uma pequena composição — *Criar* —, escolhida dentre tantas dessas obras-primas e exumada das páginas de uma efémera revista, «O Herald», do ano de 1905.

A referência à evolução do pensamento de Lopes Vieira conduziu depois o sr. eng. Júlio Eduardo dos Santos a importantes considerações, tendo sublinhado a particular transformação manifestada no seu derradeiro poema — *Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa*. A crítica assinalou então que o Poeta

se transformara, de súbito, num mestre de modernidade, sem abdicar no entanto das sólidas virtudes clássicas em que fora embalado. Pois não é uma das características da poesia moderna



Afonso Lopes Vieira

este misto de crítica e lirismo, de inteligência e espontaneidade, de abandono e comando que avulta naquela obra? Houve mesmo um ensaísta (o sr. dr. João Gaspar Simões) que dedicou a tal

transformação as palavras seguintes: «Daí que a sua poesia tenha saído enriquecida, liberta, criadora: mais nova e mais profunda, mais original e mais universal. Uma nova corda da lira do poeta se pôs a vibrar: a da virilidade do homem que menosprezava a baixeza, a da inteligência do homem a quem o sentimentalismo já não basta. Eis por que é neste livro que a personalidade de Afonso Lopes Vieira solta o seu acorde mais firme e nele que este doce poeta da tradição entra definitivamente na eternidade literária munido com a credencial da originalidade criadora». Tema transcendente, que ultrapassa o âmbito das considerações que esta tarde de arte comporta — comentou o expositor.

Passou depois a ocupar-se do que denominou a parte mais importante das suas considerações. Não se revestia ela de originalidade, porque a ideia a expor foi, há já doze anos, defendida pelo sr. dr. Américo Cortez Pinto, grande amigo de Lopes Vieira, notável poeta também e autor de vasta e valiosíssima obra. Precisamene para ter oportunidade de a reavivar em público, é que lhe ocorreu — a ele orador — assinalar, com algumas palavras o encerramento da exposição.

A erecção em Lisboa do busto de Afonso Lopes Vieira, magnífico bronze de Francisco Franco, deve-se à proposta do dr. Cortez Pinto, vereador em 1946, apresentada na sessão da Câmara Municipal de 21 de Fevereiro. Feito, em bela síntese, o elogio do autor do *País Lilás*, *Destero Azul* e focadas as razões que justificavam que se considerasse a morte de Lopes Vieira não apenas como perda nacional mas também como perda para a cidade de Lisboa, o ilustre escritor formulou a sobredita proposta, cujos dois últimos números eram do seguinte teor:

«— Que em grata memória pelo altíssimo Poeta e Mestre de Nacionalismo, seja incluída entre as comemorações a realizar no VIII Centenário da tomada da Cidade, a erecção de um busto de Afonso Lopes Vieira no Largo da Rosa, em frente da sua casa e da sua escola, num pequeno espaço ajardinado que ficará à guarda e para recreio das crianças que ele tanto amou, e para as quais escreveu as pouquíssimas grandes páginas da nossa literatura infantil de que o Poeta foi o verdadeiro fundador;

«— Que para melhor arranjo do largo, agora destinado também a constituir um claro recreio para as crianças em meio do dédalo emaranhado e sombrio de um bairro tão pitoresco como

humilde, se procure desde já, entre as várias obras de urbanismo, proceder ao seu alargamento, como o Poeta tanto desejava, aumentando a sua área com o espaço murado e desocupado do lado direito à entrada da Rua das Farinhas».

O busto veio a ser inaugurado em 1951, no dia em que se completaram cinco anos sobre o falecimento de Lopes Vieira.



*O Busto do Poeta
existente no Largo da Rosa (Lisboa)*

A escolha do local não teve aplauso unânime. Disdordância talvez não existisse à data da sobredita proposta; surgiu, porém, mais tarde, sobretudo por não terem sido efectivadas as transformações urbanísticas e adoptadas outras das sugestões

nela incluídas, em particular a exposta no n.º 2: que fosse reconhecida como instituição benemérita a escola sustentada pelo Poeta para ensino das crianças da Mouraria, e estudada a forma de a subsidiar, conservando-lhe a feição particular de carinhosa Obra Social, e dando-lhe o nome de «Escola Helena e Afonso Lopes Vieira». Do assunto ocupou-se o mesmo ilustre vereador, na sessão da Câmara Municipal de 19 de Janeiro de 1950, isto é, no ano anterior ao da inauguração do busto no Largo da Rosa.

Propôs aquele local, quando da homenagem que, quatro anos antes, prestara à memória de Lopes Vieira — salientou o dr. Cortez Pinto —, por várias razões de ordem sentimental; julgava, porém, que devia reconsiderar no seu alvitre. É que às razões sentimentais se opõem outras, igualmente sentimentais, além de motivos de vária natureza que aconselham a escolha de outro local. Esta proposta de modificação, feita, aliás, com pleno acordo da nobre Senhora sua viúva — disse —, justifica-se por várias razões, uma das quais é a do busto ficar sujeito às inclemências da garotada, que por viver num bairro de tão apertadas ruas, escolhe naturalmente o desafogo daquele pequeno largo para se entregar às exuberâncias, aliás necessárias, dos seus brinquedos turbulentos. Perdido num bairro desta natureza, será difícil garantir que perdure por largo tempo o respeito que a memória recente do Poeta de princípio lhes poderia impor. Por outro lado — acrescentou o dr. Cortez Pinto —, o busto, já concluído, da autoria de Francisco Franco, é na verdade uma obra extraordinária, destinada a honrar a cidade, e merece ser colocada num local onde melhor e mais frequentemente possa ser admirada, aformoseando um dos jardins de Lisboa, onde, de resto, facilmente se disporá um enquadramento perfeito para a admirável produção do Mestre escultor e para a sugestão de alta poesia de que a evocação da obra do portuguesíssimo Poeta impregna toda a atmosfera que envolve a sua presença.

Lembrou, para o efeito, o jardim fronteiro ao Museu Nacional de Arte Antiga, a admirável pinacoteca a que Lopes Vieira dedicou grande parte da sua vida, tendo sido uma das pessoas que, com o dr. José de Figueiredo, mais trabalhou e se bateu pelo seu prestígio e pela reivindicação da existência de uma escola portuguesa de pintura. A presença do seu busto no referido jar-

dim ficaria em perfeita harmonia com o local. Considerando, por outro lado, que o busto ficava olhando o Tejo, que ele tanto amou; o Tejo que nos dá a sugestão do mar cujos ritmos tanto viveram nos ritmos dos seus versos; o Tejo, caminho inicial por onde se prolonga Portugal eterno em direcção às Províncias Ultramarinas; e recordando ainda o sentimento de repassada por-



Um aspecto da «Exposição Bibliográfica»

tugalidade de toda a sua obra, disse que esse elemento da paisagem completaria o cenário espiritual que melhor se harmonizava com a alma do Poeta.

Perante esta nova sugestão, o sr. presidente da Câmara Municipal afirmou que não levantaria quaisquer reparos, estando mesmo convencido de que viria ajudar a resolver o problema, e concluiu: «Forçoso é atender a melindres que possam surgir por parte das entidades chamadas a colaborar nessa obra e com as quais há necessidade de trocar impressões, harmonizando os

seus pontos de vista com a nova sugestão: em sua opinião é este o caminho que convém seguir, antes de se tomar qualquer resolução».

Apesar do fundamento das considerações do sr. dr. Cortez Pinto e da concordância manifestada pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, manteve-se a escolha do local primitivamente feita.

Impõe-se retomar o estudo do assunto — disse o sr. engenheiro Júlio Eduardo dos Santos —, o que poderá fazer-se considerando três aspectos:

1.º Vantagens ou inconvenientes, quanto à estética citadina, da transferência do busto para o «Jardim 9 de Abril» (Janelas Verdes) ou para outro local que venha a reconhecer-se possuir melhores requisitos para o efeito;

2.º Idem, no concernente a maior glorificação da memória do Poeta;

3.º Harmonização do procedimento a adoptar com as opiniões de Lopes Vieira, várias vezes expressas, acerca das características e situação dos monumentos em honra de poetas.

Quanto aos dois primeiros aspectos, é evidente a vantagem de colocar, em ambiente em que facilmente possa ser admirada, uma bela obra de arte, como o busto da autoria de Francisco Franco. Ganharia a cidade, tão pobre de monumentos, e teria mais dilatada projecção a homenagem ao grande Poeta Nacionalista. Sem exagero, pode afirmar-se que o busto, dada a sua actual localização, é quase desconhecido.

Sobre o pensamento de Lopes Vieira referente à consagração de poetas e outros intelectuais por memórias em locais públicos, o orador apresentou em síntese, algumas suas curiosas observações originadas por antigos projectos dessa finalidade em honra de três grandes poetas — Camões, Antero e João de Deus — e de um romancista célebre — aliás, poeta também — Camilo. Concepções admiráveis essas, de um grande Poeta sempre profundamente enamorado da Beleza!

A sugestão da transferência do busto continua a merecer o mais decidido aplauso de quem lançou a ideia — o sr. dr. Cortez Pinto — e de muitos dedicados familiares e amigos de Afonso Lopes Vieira, como apoio entusiástico tivera da saudosa e ilustre Senhora D.^a Helena de Aboim Lopes Vieira. Inconvenientes da

solução proposta, crê não existirem. Demais, na bela moradia do Largo da Rosa — que, embora modificada, mantém a sua bela e encantadora traça architectónica —, poderia, segundo o pensamento do orador, assinalar-se, numa inscrição em elzevires de ouro, que lá viveu largos anos e se extinguiu um dos espíritos mais gentis da nossa época, um dos Portugueses que mais nobremente têm servido a nossa Grei.

A escolha de novo local para o busto é pormenor sobre o qual haverá manifesta vantagem de recolher alvitres. Além do Jardim das Janelas Verdes, talvez outros ambientes venham a revelar vantagens de considerar, sobretudo se situados na parte ocidental de Lisboa, tão evocadora das nossas glórias de antanho... Mas sempre olhando o Tejo, tantas vezes enaltecido por Lopes Vieira, desde os encantadores versos do *Canto Infantil* à evocação do «Tentador das Viagens» nas *Novas Canções de Saudade e Amor...*

Assim, em íntima união com o Tejo, Lisboa melhor exaltaria a memória de quem tão entusiasticamente a celebrou, embora sem ocultar, por vezes com acentuada mágua e fina ironia, franca oposição ao que a deslustrava e ao menosprezo pelas belas evocações de que ainda se encontra povoada. Os seus construtivos anseios, o seu salutar inconformismo de sempre!...

.....

Olisipo limita-se a inserir esta síntese das palavras proferidas pelo sr. engenheiro Júlio Eduardo dos Santos, por saber que brevemente serão publicadas na íntegra.

* * *

O director secretário-geral, doutor Eduardo Neves, antes de declarar encerrada a exposição, em caloroso improvisado, disse:

Durante o mês de Abril após uma notável conferência precursora, os nossos salões abrigaram uma copiosa colecção de livros e outros documentos da autoria e escritos sobre o poeta Afonso Lopes Vieira.

O nosso director sr. eng. Júlio Eduardo dos Santos, beneditino coleccionador, operoso realizador com o seu «savoir faire» organizou só com elementos de sua propriedade o certame que hoje se encerra e que contém parte do muito que sua ex.^a possui sobre o assunto.

Esta realização, que trouxe ao Grupo a quando da sua inauguração, como já se referiu noutra local, o vice-presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, o presidente da Câmara Municipal e o director da Biblioteca de Leiria, família do homenageado e o escol literário e artístico da nossa cidade, representa uma homenagem de amizade a um vulto que pela sua actividade literária, feitiço nacionalista, de sã patriotismo, e benemerente actividade, bem merece do País e da nossa terra que, em especial, apreciava e onde vivia.

O expositor, a quando da inauguração, disse palavras referentes ao que expunha, e agora, com erudição e precisão tocou os pontos mestres das suas intenções: homenagear o poeta, seu amigo pessoal, e reagitar a ideia, já proposta, da transferência do monumento do poeta, do Largo da Rosa para outro local. A emoção da amizade junta o expositor a erudição do conhecimento perfeito da obra de Lopes Vieira e de tudo o que sobre o poeta se tem escrito e, para que perdurassem as suas palavras, os seus conceitos e intenções e a sua obra, aqui patente, fez editar um artístico e notabilíssimo catálogo, verdadeiro inventário bibliográfico de profunda utilidade e manual de consulta indispensável para quem, através do seu texto e ilustrações, quizer conhecer o que o poeta escreveu e sobre ele se disse.

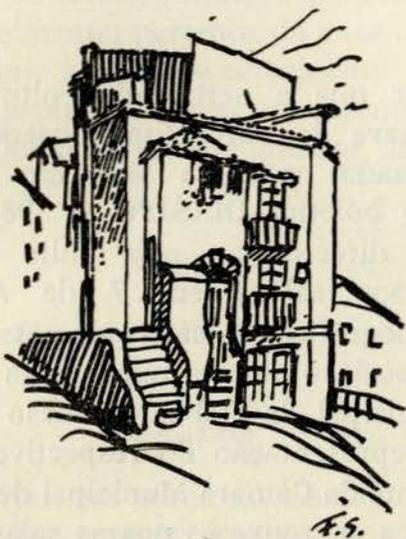
Este catálogo de primorosa apresentação gráfica das oficinas Ramos, Afonso & Moita e da direcção dum dos seus proprietários, o nosso consócio sr. Luís Moita, será certamente, de futuro, uma raridade bibliográfica, dada a procura que teve logo após a sua aparição. A Junta Directiva desta Casa e eu, seu secretário-geral, que tanto preciso, para prestígio do Grupo e eficiência da sua obra, de auxiliares operosos e eficientes, apresento ao expositor, também director desta casa, os melhores agradecimentos e saudações.

Estamos todos de parabéns, o Grupo pela realização deste certame, que trouxe a estas salas tantas e tão notáveis personalidades, eu por ver acrescentado em interesse as realizações que promovo no âmbito da nossa actividade cultural, e V. Ex.^a sr. eng. Júlio Eduardo dos Santos, pela glória que lhe cabe, pela realização deste certame.

Falou-se muito, muito e bem fica, e de futuro continuar-se-á a falar desta exposição que merece na vida intelectual da cidade.

V. Ex.^a que a propósito de Santo António tanto tem contribuído com as preciosidades que possui, para a valorização olisiponense do seu valor, agora com a exposição Lopes Vieira marca mais uma pedra branca na sua operosa vida intelectual e literária. Ao encerrar a sua exposição agradeço a todos os visitantes o notável apreço que lhe dedicaram e a V. Ex.^a o esforço notável da sua organização.

Bem haja pelos serviços prestados ao Grupo, a Lisboa e nossa cultura.



ACTIVIDADE CULTURAL

do Último Trimestre

PODE-SE afirmar que a actividade cultural deste trimestre abriu com chave de ouro. Em consequência da sua conferência realizada na nossa sede em 24 de Março e a que no nosso boletim OLISIPO n.º 98, já nos referimos, o nosso consócio e director sr. eng. Júlio Eduardo dos Santos, abriu nos nossos salões em 7 de Abril último, uma notável exposição bibliográfica, evocativa da pessoa e obra de Afonso Lopes Vieira. Essa exposição que foi inaugurada pelo vice-presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, o nosso consócio sr. Aníbal David, por si e em representação do respectivo presidente, teve a assistência do presidente da Câmara Municipal de Leiria e do director da respectiva biblioteca, e trouxe às nossas salas grande número de sócios, pessoas de família do homenageado e nomes notáveis da Arte e da Literatura de Lisboa. A ela assistiram quase todos os membros dos corpos directivos do Grupo. Foi larga a repercussão na Imprensa diária, nas revistas literárias de Lisboa e do País. Este certame culminou com uma notável sessão de encerramento no fim do mês, em que o expositor fez uma palestra sobre o assunto e em que o secretário geral ao encerrar a exposição dirigiu ao expositor cumprimentos e agradecimentos.

As palavras do expositor e do secretário geral, então proferidas e algumas fotografias da exposição são publicadas noutra local deste número.

No seguimento da sua actividade, o Grupo visitou a Estação de Serviço dos Auto-carros da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, em Cabo Ruivo, em 15 de Abril. Para esse efeito, a mesma Companhia pôs à disposição do Grupo dois auto-carros e editou um curioso programa em que vincava a sua qualidade de nossa sócia. Os visitantes foram acompanhados por engenheiros e pessoal superior dos respectivos serviços, que pela sua eficiência foram muito apreciados.

A 40.^a sessão dos «Colóquios Olisiponenses» realizou-se em 26 de Abril e nela tomaram parte os srs. eng. Júlio Eduardo dos Santos e dr. Eduardo Neves que se referiram a eventos sobre o Real Teatro de S. Carlos, tendo o primeiro referido recordações pessoais e o segundo apresentado documentos da gerência de 1852/54, entre elas um caderno manuscrito da autoria do músico Joaquim Garcia Alagarrim, contendo versos do referido músico que era fértil em improvisos. O caderno foi possivelmente, pertença da casa dos cantores Andrade. Dele se publica um soneto — certamente referente ao velho lisboeta, médico e professor liceal dr. Manuel Ferreira Cardoso, antigo morador no Chiado e grande amador de música.

MOTE

Flauta de café com leite

GLOSA

Ouvindo o número infinito,
Dos musicães instrumentos;
Notão-se novos inventos,
De gosto muito exquisito;
Eu já ouvi no Egipto
Trompa de cebo e azeite,
Mas sinto maior deleite,
Ouvindo a Vossa Excellencia,
Tocar com tal proficiencia,
Flauta de caffè com leite.

Maio 13 de 1887.

Na mesma sessão o sr. Luís Esteves Pereira aludiu, com mágoa, ao facto de ter sido destroçado o velho órgão existente na Igreja de S. Roque e substituído por um órgão electrónico, de fabrico alemão, em detrimento do prestígio da construção de órgãos em Lisboa que foi notável. Referiu o mesmo senhor que já no «Diário Ilustrado» tinha aludido ao facto, e que o mesmo tinha acontecido aos órgãos das Igrejas da Encarnação, Oeiras e Sé de Lisboa.

O sr. dr. Ferreira de Almeida falou sobre locais onde deveria ser construído o Teatro Municipal de Lisboa.

Ainda a 29 de Abril os «Amigos de Lisboa» se deslocaram a Caneças, visitando as suas fontes e a Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, onde almoçaram. Foram trocados brindes entre os membros dos corpos gerentes da Casa de Repouso referida e o secretário geral que presidiu ao almoço, tendo colocado a seu lado a enfermeira presidente da Assembleia Geral da Casa e a nossa consócia sr.^a D. Maria Amélia Vieira da Cruz, também diplomada em enfermagem.

Nos domingos 6 e 13 de Maio repetiu-se a iniciativa, já realizada, em tempos, do nosso director tesoureiro sr. Hugo Raposo, os «Circuitos periféricos de Lisboa», que assim realizaram o 5.^o e 6.^o circuitos. Acompanhou os participantes, que se deslocaram em auto-carros o mesmo senhor que foi o organizador dos percursos e sucessivamente deu informações sobre os locais visitados, seus monumentos e sobre as numerosas e interessantes construções novas, distribuídas pelos largos percursos que estavam compreendidos entre o Terreiro do Paço e a Praça do Marquês de Pombal.

A 20 de Maio um numeroso grupo de consócios deslocou-se a Évora, onde foram recebidos pelos srs. Francisco Caeiro, vereador e presidente da Comissão Municipal de Turismo e dr. Carvalho Moniz da Junta Geral do Distrito, e acompanhados pela Sr.^a D. Maria Paula Soares, do Turismo local. Visitaram em auto-carros os principais monumentos da cidade, almoçaram no restaurante típico «Gião» e foram acompanhados pelos directores dr. Eduardo Neves e Ferreira do Nascimento.

A exposição de obras de Stuart Carvalhais, da colecção do jornalista sr. Mário de Barros foi transferida para Novembro próximo e a 27 de Maio numerosos consócios deslocaram-se ao Aeroporto da Portela a visitar as novas pistas para aviões de jacto. Foram recebidos pelo director dos Serviços de Obras da Aeronáutica

Civil, sr. eng. José Seguro, por si e em representação do Director Geral, pelo subdirector do Aeroporto e, entre outros, pelos engs. sts. Tomás Siu, Correia Mendes e Favila Vieira.

Foram visitadas todas as instalações técnicas e as pistas, onde o respectivo pessoal superior e empreiteiros de obras nos esperavam, e os serviços editaram para o efeito uma interessante monografia descritiva e estatística e plantas do Aeroporto e do itinerário da visita.

Em Junho integrada na Semana do Ultramar o nosso consócio sr. coronel José Ribeiro da Costa Júnior realizou na nossa sede, na



No almoço na Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa: o nosso Secretário-Geral entre a Presidente da mesma instituição, Enfermeira D. Maria Correia, e a nossa consócia D. Maria Amélia Vieira da Cruz

quinta-feira 7, uma conferência sobre o segundo tenente da Armada Jaime Teodorico da Silva Nunes, que, em África, foi pioneiro da ocupação de Angola e que no comando da Lancha «Cunene», em 1907, ganhou a Torre e Espada. A conferência, que foi acompanhada de projecções e que na íntegra se publica neste número, teve a assistência do sr. Almirante Marques Esparteiro em representação da Sociedade de

Geografia e do primo do homenageado, o nosso consócio sr. eng. Augusto de Abreu Nunes. A conferência foi presidida pelo nosso secretário geral.

No sábado 9 numerosos consócios deslocaram-se à Fábrica de Refrigerantes «Laranjina», na Venda do Pinheiro, onde foram recebidos pelos seus proprietários srs. Evaristo Alves e Mário Bettencourth Alves e pelo director técnico sr. eng. Basílio de Mesquita, Aos visitantes foram oferecidos refrescos e o Grupo foi representado pelo nosso director sr. eng. Júlio Eduardo dos Santos, que aos proprietários e director técnico dirigiu saudações e agradecimentos.

A 13 — dia de Santo António — foi inaugurada na sede uma exposição de fotografias da autoria do nosso director sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, que visava em especial letreiros e locais antonianos da cidade e vistas e recantos de Alfama e outros locais citadinos. A exposição que se encerrou no fim do mês teve larga concorrência e trouxe à nossa sede, no último dia, o nosso consócio sr. Aníbal David, que actualmente exerce o cargo de vice-presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, e como tal preside à Comissão de reintegração e melhoramentos turísticos de Alfama, o que deu ensejo, a, em face das fotografias do local, o expositor e o secretário geral, em nome do Grupo, saudaram e agradeceram ao ilustre consócio presente, a pertinácia e eficiência da notável obra a que meteu ombros e tem realizado.

O secretário-geral disse:

«Porque Alfama é Lisboa e nesta casa só de Lisboa se trata e também ainda porque nesta interessante exposição de belas fotografias da nossa bela Lisboa, Alfama está retratada, vetusta e garrida, nostálgica e cantante, porque de tudo ela tem, ao encerrar-se hoje esta exposição que Alfredo Ferreira do Nascimento, um dos nossos fornecedores habituais de colóquios, artigos, palestras e exposições, nos trouxe; quis a Junta Directiva reunir um grupo de amigos para significar ao expositor o agrado com que apreciámos a sua obra.

Porque entre os amigos de Lisboa, que são amigos de Alfama e a ela têm dedicado o seu amor temos um sócio, o n.º 2702 que particularmente a fez valorizar nos últimos tempos, quisemos cá trazê-lo. Esse sócio está hoje, a meu pedido, entre nós.

E tive variadíssimas razões para o convocar, ocupa lugar de destaque no comércio lisboeta, é meu amigo pessoal, foi vereador comigo, e ocupa o lugar de Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. É o senhor Aníbal David, a quem cumprimento.

Se a Câmara Municipal de Lisboa tem Excelência, Aníbal David tam-

bém a tem, pela operosidade do seu trabalho e pela pertinácia das suas realizações a Bem de Lisboa e neste nosso caso particular, se Alfredo Ferreira do Nascimento é o propagandeador e fixador das belezas de Lisboa, Aníbal David tem sido o braço forte que realizou a sua valorização turística, neste particular.

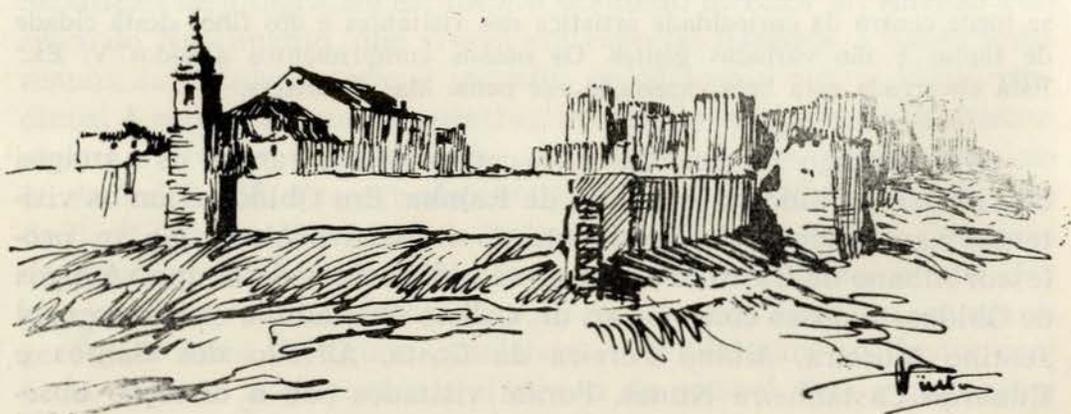
Embora saibamos que a Pastor de Macedo, no caso do Miradouro de Santa Luzia e a Leitão de Barros, no caso de florir as janelas e os recantos desse nosso bairro ribeirinho, algo se deve, o arranque final, definitivo, deve-se à pertinácia deste tão ilustre consócio que é o actual vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa que hoje aqui trouxemos, para diante das imagens fixadas por Alfredo Ferreira do Nascimento o lhe patentearmos a nossa admiração, o nosso aplauso e os nossos agradecimentos pelos seus serviços em prol desta nossa terra. Bem haja o expositor por ter trazido a luz que irradia dos seus trabalhos, que é a luz da LISBOA de sempre e muito obrigado senhor Aníbal David por com o seu labor tornar possível que sempre e cada vez mais, Alfama se torne centro da curiosidade artística dos visitantes e dos filhos desta cidade de tantas e tão variadas gentes. Os nossos cumprimentos a todos V. Ex.^a Está encerrada esta bela exposição e é pena. Mas é mister».

No domingo 24, em dois auto-carros deslocaram-se os «Amigos de Lisboa» a Óbidos e às Caldas da Rainha. Em Óbidos eram os visitantes aguardados pelo presidente do respectivo Município sr. professor Albano de Castro e Sousa e pelos directores do Grupo «Amigos de Óbidos» o nosso consócio sr. dr. Calisto Armindo e os srs. coronel Justino Moreira, Albino Pereira da Costa, Alfredo dos Santos e Eduardo Castanheira Nunes. Foram visitados sob a direcção obsequiosa do presidente do Município os mais notáveis monumentos da vila e grande número de visitantes assistiram à missa na Igreja de Santa Maria, coeva da fundação da nacionalidade. Os visitantes foram almoçar às Caldas e visitar o Museu «José Malhoa», sob a direcção do seu director sr. António Montês. Da direcção do Grupo acompanharam os visitantes os directores srs. dr. Eduardo Neves, Dias Pereira e Ferreira do Nascimento, que em Óbidos e nas Caldas, agradeceram a recepção que nos foi oferecida.

As actividades do presente trimestre encerraram-se no dia 28 com a 41.^a sessão dos «Colóquios Olisiponenses» em que tomaram parte os srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, que falou sobre «Histórias de outros tempos», o dr. José Caria Mendes acerca de «Aspectos do tempo de D. Pedro V e referências à Lisboa romântica», e o sr. Nuno Catarino Cardoso, que leu e comentou nove notáveis e pouco conhecidas cartas de «Camilo Castelo Branco». Presidiu à sessão o nosso secretário geral.

E. N.

EXPOSIÇÃO DE ARTE
do nosso Consócio
Sr. Professor Pedro Jorge Pinto



Vista do Castelo de S. Jorge

Durante o mês de Julho estará patente na nossa sede uma exposição de Arte, pintura, desenho, gravura e cerâmica, do nosso consócio senhor professor de Belas Artes Pedro Jorge Pinto.

A exposição abre no dia 7 do corrente às 17 horas e para ela se convidam todos os nossos consócios e suas famílias.





Feira da Ladra

Um livro miniatura

Um dos mais pequenos livros da Península Ibérica, senão o menor até à data impresso é o livro cujo título a seguir transcrevo e que, apesar do diminuto formato da capa, é bastante extenso.

Intitula-se «A nobre desafronta da honra e dignidade da nação portuguesa perante o torpe insulto de um deputado do parlamento britânico». Sendo as letras referentes «A nobre desafronta» grandes em relação às restantes, e, estando ainda impresso mais abaixo a casa impressora e a data, isto é: «Imprensa Nacional Lisboa 1883».

Um dos exemplares que me chegou às mãos encontrava-se dentro dum anel, o que não é para admirar visto as suas dimensões serem de 17 mm. por 12 mm. e isto contando com as margens, pois a parte impressa ocupa apenas 15 mm. por 10 mm.

O outro exemplar que vi tem as margens maiores.

Como já atrás fiz referência este livro foi impresso pela Imprensa Nacional da nossa cidade, e confesso que até à data apenas consegui ver dois exemplares,

possuindo um a mais do que o outro uma minúscula fotografia.

A primeira página apresenta os seguintes dizeres impressos:

«Ao ilustre Major Luiz Guillinan dedica a classe typográfica Lisbonense».

O texto que é impresso numa letra dificilmente legível, senão ilegível à vista desarmada é nítido quando visto através duma boa lente, dando-nos no fim da última página a data exacta da impressão 10 de Junho de 1883 na 3.^a comemoração anual do tricentenário de Camões.

O livro contém ao todo dezasseis páginas e parece ter sido publicada uma edição dum número muito reduzido de exemplares.

E por este motivo e ainda pela facilidade que há em se perderem, poucos deles devem existir actualmente.

Por ser uma raridade bibliográfica resolvi chamar a atenção para este livro que tão insignificante é em tamanho; mas que para os coleccionadores tem bastante interesse podendo estes acrescentarem que livros e homens não se medem aos palmos.

A. M. P. da GAMA

Mais livros miniaturas

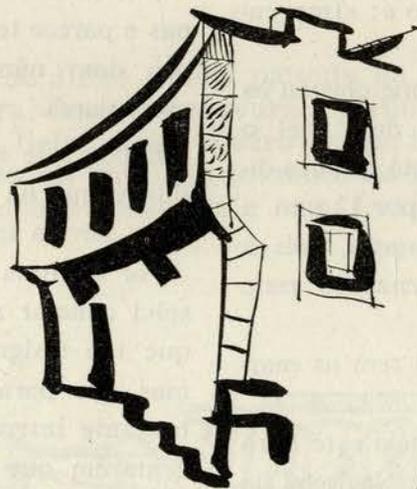
HÁ épocas em que, como as modas, certas notícias imperam; agora, é a dos livros miniaturas. Neste mesmo número do OLISIPO a nossa ilustre consócia Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Ana Maria Pereira da Gama, trata dum exemplar que possui na sua Biblioteca. Porque também possui um e tenho conhecimento de outro, os vou referir aqui. São ambos a mesma obra, embora com variantes. O meu é o *Manualzinho de Missa para os Meninos* pelo P. Roquette impresso na Tipografia de Rignoux, editado em Paris pela Casa Aillaud-Monton. Tem 96 folhas numeradas e a encadernação em marroquim vermelho com ferros dourados e tendo na lombada «Missa», mede 36 mm por 23 mm sendo a mancha de impressão de 19 mm por 16 mm. As folhas são douradas nos tempos e à volta.

O livro contém orações e indicações do exercicio da missa e cinco gravuras referentes a motivos religiosos e fases da missa. O outro, que pertence à

Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz dos Reys e Sousa é a mesma obra, mas encadernado em capa de metal dourado com ornatos, tendo, na sua frente, o centro ocupado por um medalhão com a imagem de Nossa Senhora e uma legenda circundante que diz: «Sancta Mater Dei Ora pro nobis» e na posterior um emblema com um «M» sobrepujado por uma cruz, circundado por doze estrelas e tendo em baixo dois corações, um deles atravessado por uma espada.

A lombada é de veludo verde e na capa de trás há uma pequena corrente de metal amarelo. As dimensões da mancha de impressão são as mesmas, a obra igual, só as medidas exteriores é que são 22 mm por 29 mm. Contém as mesmas cinco gravuras e mais cinco gravuras diferentes, em cartolina com motivos religiosos, havendo no princípio e no fim quatro folhas de cartolina em branco e mais uma entre as páginas 16 e 17, as folhas são igualmente todas douradas à volta.

E. N.



OFERTAS

Tem o nosso Grupo que se felicitar, e muito agradecer, mais as seguintes ofertas de espécies iconográficas e bibliográficas:

Do Sr. Dr. Francisco Câncio

- 12 fascículos de *O Paço da Ajuda*, I a XII — 1955.
- 12 fascículos de *Lisboa — Tempos Idos*, do vol. I — 1957.
- 12 fascículos de *Lisboa — Tempos Idos*, do vol. II — 1958.
- 12 fascículos de *Notas dum Ribatejano*, do vol. I — 1956.

Do Sr. Prof. Pedro Jorge Pinto

Um quadro com uma litografia de arte da sua autoria: *A Acrópole de Lisboa*.

Da Sr.^a D. Beatriz da Silva dos Reys e Sousa

- Uma gravura de *Alexandre Herculano*.
- Uma gravura de *Luís Pasteur*.
- Uma gravura da *Liberdade do Progresso Universal*.
- Uma gravura de *Victor Hugo*.
- Um panorama da cidade em 1582 — *Ollisipo ad Theatrum Urbium de J. Braunius*.
- Um panorama da cidade em 1640.
- Uma planta da cidade em 1650, de João Nunes Tinoco.
- Uma carta topográfica da cidade de Lisboa em 1871.

- Um exemplar de *Facteur d'Orgues, ou Traité Théorique et Pratique de L'Art de Construire les Orgues*, par M. Hamel x Paris.
- Um exemplar de *Catalogue des Orgues d'Alexandre Pére & Fils* - Paris.
- Um exemplar de um álbum.
- Um exemplar de *A Cerca Moura e Muralhas de Lisboa*, de A. Vieira da Silva, copiado à mão por Alberto Carlos Reys Sousa - 1916.
- Um exemplar de *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, por Augusto Vieira da Silva - Lisboa, 1900.
- Um exemplar de *Memorias das Investigações aos Ossos de Affonso d'Albuquerque na Igreja da Graça*, por Alberto Carlos Reys e Sousa.
- Um exemplar do *Programa das Festas da Cidade em 1935*.
- Um exemplar do *Catalogo das Collecções do Museu de Artilharia* feito pelo General Eduardo Ernesto de Castelbranco em 1901.
- Uma planta do *Passeio Público*.
- Uma planta das *Galerias subterrâneas situadas na R. da Conceição e notas escritas à mão, sobre as mesmas galerias*.
- Um exemplar de *Almanach de Santo António para 1896*.

Vários

- Um decreto e vários postais alusivos à República Portuguesa.
- Aniversário da Gloriosa Batalha das Linhas d'Elvas.
- Gravura com retrato do Dr. Sidónio Paes.
- Discurso do Presidente Dr. Sidónio Paes.
- Capa com postais, estampilha, bilhetes, etc.
- Periódico ilustrado *Los Sucesos* - Madrid, 15-10-1910.
- Thalassa*, revista - Lisboa, 1-2-1914.
- Rei D. Carlos — O Martirizado* - 1908, por Ramalho Ortigão.
- O Século Ilustrado* - 18-6-1938.
- Perfis Contemporâneos — D. Carlos I*, por Abel Botelho.
- Gravura do Dr. Miguel Bombarda - 3-10-1910.
- A Restauração de Portugal — Opúsculo Histórico* - 1911.
- Páginas de História dos Tempos que Correm* — Onze artigos de *O Século* - 1927.
- Ao Grande Estadista Marquez de Pombal*, por Mattos Godinho.
- Aos políticos da Guerra — Aos soldados da Guerra, etc., palavras dedicadas por Emygdio Pereira.
- Fantoches — Bastidores da Política e dos Negócios*, planfleto por Rocha Martins.
- Um exemplar de *Miscelanea*, 4.º liv., manuscrito - 1826.
- Folha brinde — *Homenagem ao Valor* - 4.º Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.

- Páginas de Caligrafia*, por Augusto Severino de Castro — 1836.
- 4.º Centenário da Índia — *Tourada à Antiga Portuguesa na Praça do Campo Pequeno*, em 20 de Maio de 1898.
- Cerração no Mar* — Versos.
- Descrição do Paço da Ribeira, com plantas.
- O Porto em 1789*, gravura da época.
- Capa com suplementos, bilhetes de lotaria, da Alfândega, apólice, etc.
- Capa com nota de entrega de exposto, anúncios, bilhetes de lotaria de Madrid, etc.
- O Século*, suplemento de 1 de Março de 1926.
- Capa com licenças, poesias, estampilhas, registos, bilhete de lotaria, etc.
- Corona Poética y Literaria dedicada a Luiz de Camões*, revista espanhola.
- Summario das Graças e Indulgencias Perpetuas*, impresso.
- Capa com programa do Teatro D. Maria II, licenças, pagamentos de foros, etc.
- Patente de Irmão Provedor da Meza de Nossa Senhora da Conceição*, passada a Alberto Carlos Reys de Sousa — 24-6-1869.
- Patente de Irmão da Meza de Nossa Senhora da Persia*, Setembro de 1887.
- Mapa de Portugal* — Rede de Caminhos de Ferro projectada pela Comissão da Ass. dos Engenheiros Civis Portugueses.
- Recortes do Jornal *O Século*, de 26 de Agosto de 1934, sobre os subterrâneos da Rua da Prata.
- 2 folhas do *Procurador dos Povos*.
- Fragmento de *The Ilustred London News*, 22 de Maio de 1847.
- Uma folha de *Realidades e Phantasias*.
- Cinco folhas de ilustrações diversas.
- Um recorte de jornal intitulado *Como vai ser reconstruída a celebrada Casa dos Bicos*.
- Duas fotografias tiradas em África.
- Quatro plantas em papel transparente.
- Patente original da execução da confraria das Dores no Convento da Graça.
- Um envelope contendo 8 desenhos, uma folha manuscrita com *Notas Antigas*, quatro gravuras tiradas de livros.
- Um recorte de jornal: *Tempos Idos* — *O Velho Teatro do Salitre*.
- Envelope com várias licenças camarárias.

Sócios admitidos desde Janeiro de 1962

- 3358 — Fernando Henriques — Empregado comercial
- 3359 — D. Maria Amélia Moreau — Funcionária pública aposentada
- 3360 — Júlio Nunes — 1.º Of. dos C. T. T.
- 3361 — Ten.-Coronel Alexandre de A. Castelo Branco — Ofic. do exército
- 3362 — Albano José da Luz Nunes de Melo — Estudante
- 3363 — Jaime da Silva Pinto — Director Assistente de Produção da E. N.
- 3364 — D. Apolónia F. da Silva David
- 3365 — D. Maria José Antunes Vicente — Estudante do Mag. Primário
- 3366 — D. Palmira Olga C. Sanches Saldanha — Prof. Primária aposentada
- 3367 — Dr. Mário E. dos Santos Moreau — Médico
- 3368 — Ciríaco Eduardo Aldim da Cunha — Empregado de escritório
- 3369 — D. Hirondina M. da Cruz Filipe — Professora primária
- 3370 — D. Ivone Sara M. da Cunha Nery — Prof. de Artes Plásticas
- 3371 — Pedro Jorge Pinto — Prof. de Ensino Técnico
- 3372 — Alberto Lamy dos Santos — Empregado de escritório
- 3373 — Dr. Fernando Tavares de Carvalho — Advogado
- 3374 — Dr. Albino Borges de Pinho — Advogado
- 3375 — Metropolitano de Lisboa
- 3376 — Companhia Previdente
- 3377 — Companhia Portuguesa de Trefilaria
- 3378 — Companhia União Fabril
- 3379 — Eng.º D. Segismundo da Câmara de Saldanha — Engenheiro-Silvicultor
- 3380 — Fiat Portuguesa, S. A. R. L.
- 3381 — Visconde de Botelho
- 3382 — Duque de Palmela — Engenheiro
- 3383 — Banco Fonseca, Santos & Viana
- 3384 — Prof. Doutor João Cid dos Santos — Médico
- 3385 — Dr. António de Menezes — Médico
- 3386 — Eng.º Sebastião Garcia Ramirez
- 3387 — Siderurgia Nacional S. A. R. L.
- 3388 — Eng.º Jorge Álvaro Pereira Gomes — Engenheiro-Agrónomo
- 3389 — Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul
- 3390 — Dr. Álvaro da Costa Menano — Notário
- 3391 — Teodósio M. Coutinho de Lencastre — Funcionário apos. e proprietário
- 3392 — Dr. Aníbal Cardoso da Cunha — Médico
- 3393 — António Joaquim de Barros — Gerente comercial
- 3394 — Eng.º António Brazão Farinha — Engenheiro
- 3395 — D. Maria da Luz de A. Wasa de Andrade
- 3396 — José Aprígio Gomes Júnior — Comerciante
- 3397 — Amilcar Nunes de Melo — Funcionário público
- 3398 — João Pedro Ruivo — Jornalista e func. civil aposentado
- 3399 — Banco Pinto & Sotto Mayor S. A. R. L.
- 3400 — Soc. Comercial Romar, Lda.
- 3401 — Conde de Dampierre
- 3402 — José Ferreira Lima — Comerciante
- 3403 — Restaurante Castanheira
- 3404 — Garland, Laidley & Ca. Lda.
- 3405 — Edgard Piló — Tradutor
- 3406 — Soc. Comercial e Industrial de Automóveis Francisco Baptista Russo & Irmão, S. A. R. L.
- 3407 — Sociedade Comercial Guérin
- 3408 — Fernando Machado de Medeiros — Chefe da Agência de Air France
- 3409 — Standart Eléctrica, S. A. R. L.

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Evocação do Café Martinho		esgotado
* Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
* A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

ENG. A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz		esgotado
Um arcebispo Primaz		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho		»

* Edição do Grupo.

DR. EDUARDO NEVES

PREÇOS
Sócios Público

* Ruínas do Carmo	esgotado	
* Igreja da Penha de França	»	
* Faculdade de Medicina	»	
Lisboa nos Ex-Libris	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	»	
Do Sítio do Intendente	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa	»	
Alocações	»	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	»	
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837	esgotado	

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

FRANCISCO LEITE DE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvoroço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII	esgotado	
--	----------	--

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

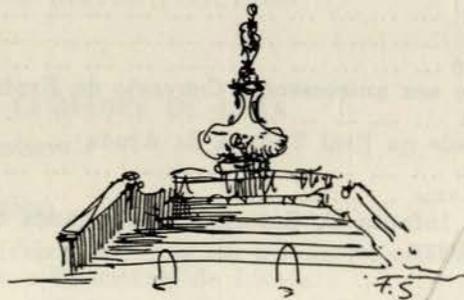
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa... ..	13\$50	15\$00

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
* Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962	18\$00	20\$00
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus... ..		esgotado
LUIS MOITA		
* A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUIS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MARIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro		esgotado
Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado

* Edição do Grupo.

A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu	18\$00	20\$00
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V	18\$00	20\$00
MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
	PREÇOS	
	Socios	Público
* A Igreja da Conceição Velha	esgotado	
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.* Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda	esgotado	
NORBERTO DE ARAÚJO		
* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
NUNO CATHARINO CARDOSO		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
PROF. PEDRO JORGE PINTO		
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)... ..	135\$00	150\$00
RUY DE ANDRADE		
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ		
Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00
ROBERTO DIAS COSTA		
A Paróquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
TINOP		
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
* Edição do Grupo.		



ALGUMAS EDIÇÕES
DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Publicações do 8.º Centenário da Conquista de Lisboa:

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA — *Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor no ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras à Câmara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Loosada...* (IX e último volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr. *Jaime Lopes Dias*.

LISBOA — Oito Séculos de História — em 21 fascículos, sob a direcção de *Gustavo de Matos Sequeira* e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

S. JOÃO DE BRITO — pelo Dr. *Marinho da Silva*.

Outras Publicações Culturais:

CASAS DA CÂMARA DE LISBOA — por *Luis Pastor de Macedo e Norberto de Araújo*.

EVOLUÇÃO DE UMA CIDADE, LISBOA (reedição) — por *Celestino da Costa*.

A FREGUESIA DE S. TIAGO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE S. CRISTÓVÃO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE SANTA CRUZ DA ALCÁÇOVA DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.

- AS FREGUESIAS DE LISBOA — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.
- DISPERSOS (1.º, 2.º e 3.º vols.) — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.
- DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — *Livros de Reis* (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º vols.).
- COLECTÂNEA OLISIPONENSE (1.º e 2.º vols.) — por *J. M. Cordeiro de Sousa*.
- ENSAIOS DE KANT A PROPÓSITO DO TERRAMOTO DE 1755 — tradução do Dr. *Luís Silveira*.
- HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA (vol. 1.º).
- INVENTÁRIO DE LISBOA (fasc. 1 a 12) — por *Norberto de Araújo*.
- JARDINS E PALÁCIOS DOS MARQUESES DE FRONTEIRA — por *Cassiano Neves*.
- LISBOA NAS AURAS DO POVO E DA HISTÓRIA (2 vols.) — por *Luís Chaves*.
- LISBOA SEISCENTISTA — por *Fernando Castelo-Branco*.
- O CANCIONEIRO DE LISBOA (3 vols.) — por *João de Castro Osório*.
- O POEMA DE LISBOA — por *Augusto de Santa Rita*.
- LISBOA ANTIGA — O Bairro Alto (vols. 1.º, 2.º e 3.º) — por *Júlio de Castilho*.
- REVISTA MUNICIPAL — direcção de *Henrique Martins Gomes*.
- PÁGINAS OLISIPONENSES — introdução, selecção e notas de *Fernando Castelo-Branco*.
- LISBOA — por *Luís Teixeira*.
- LISBOA E OS SEUS ENCANTOS
- ARTE E TURISMO
- ARCOS DE LISBOA — por *Matos Sequeira*.
- JANELAS DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.
- MUSEUS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.
- ESCULTURAS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.
- IGREJAS E MOSTEIROS DE LISBOA — por *Matos Sequeira*.

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

•

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães



GAIVOTAS, LDA.

FABRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 86 63

• LISBOA



posso garantir
que os anúncios
nos bilhetes dos
carros eléctricos
e dos autocarros
são bons
... e baratos.
*
Peça informações



CARRIS-PUBLICIDADE

CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 - LISBOA 2 - TEL. 35055

CLARAS

C A M I O N A G E M

SEDE

TORRES NOVAS

Largo General Baracho, 16

Telefone PBX 22003

LISBOA-R. Andrade, 16-Tel. 842086

CARREIRAS de Passageiros

CIRCUITOS Turísticos

AUTOCARROS

para Alugueres

para Excursões

AUTOMÓVEIS

de Aluguer

TRANSPORTES de Carga

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

•

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

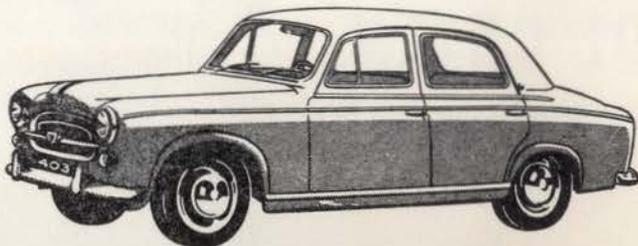
Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA-2

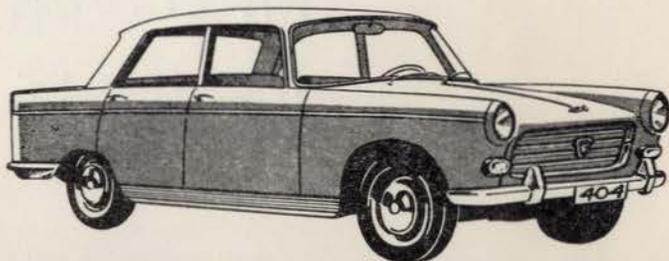


Peugeot



403

***2 carros
da mais alta qualidade***

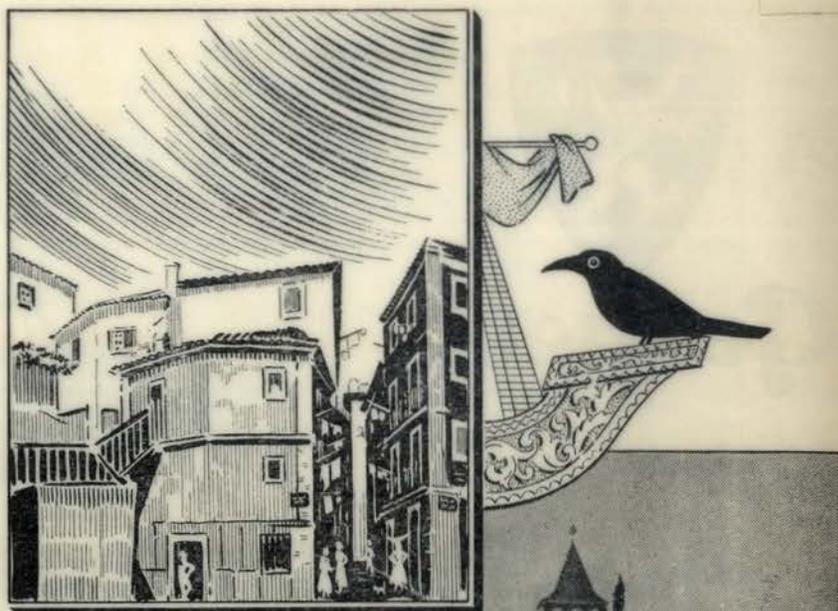


404

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO
AOS AGENTES PARA O SUL

Mocar Lda., AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A - LISBOA

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL